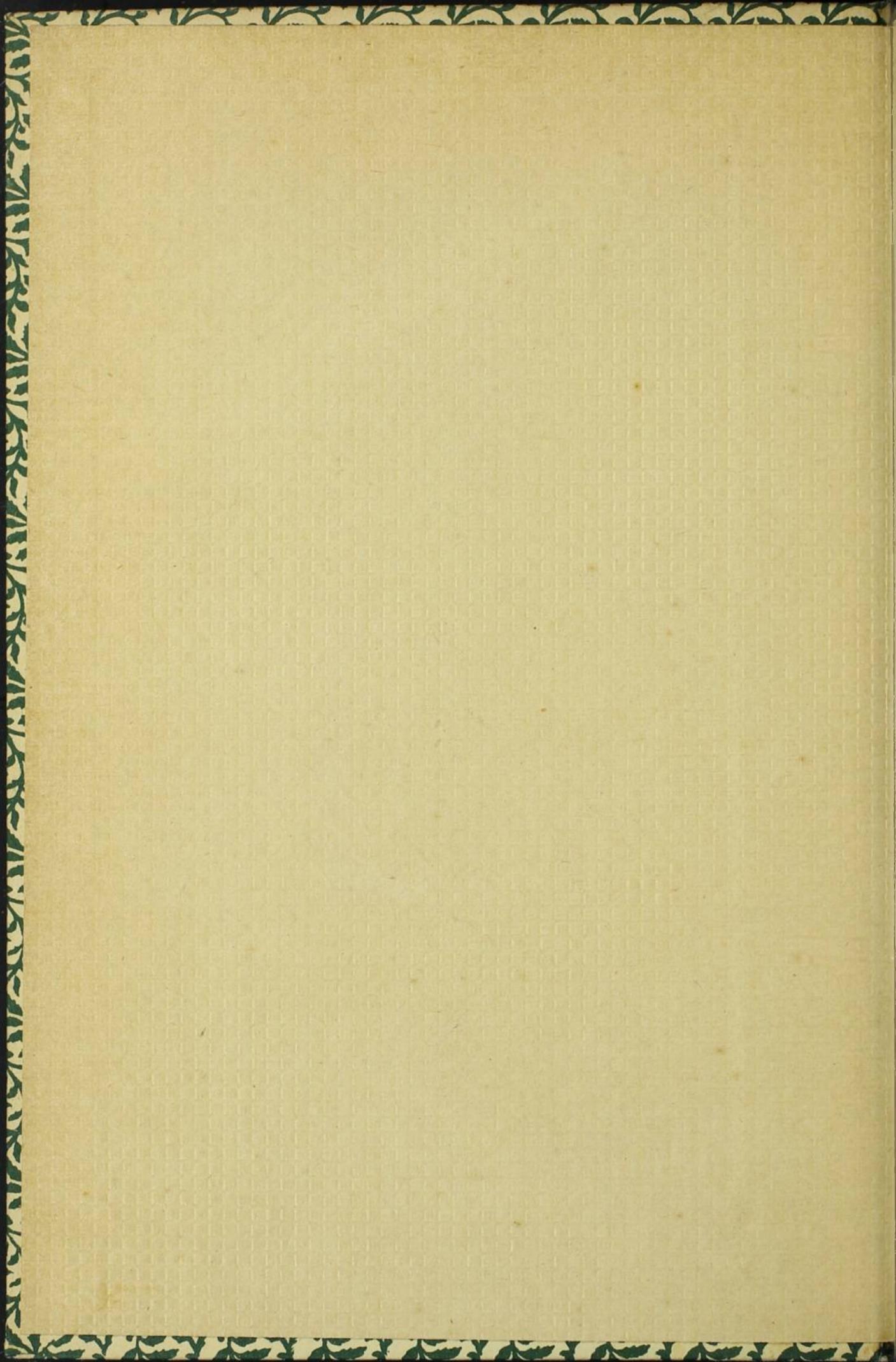
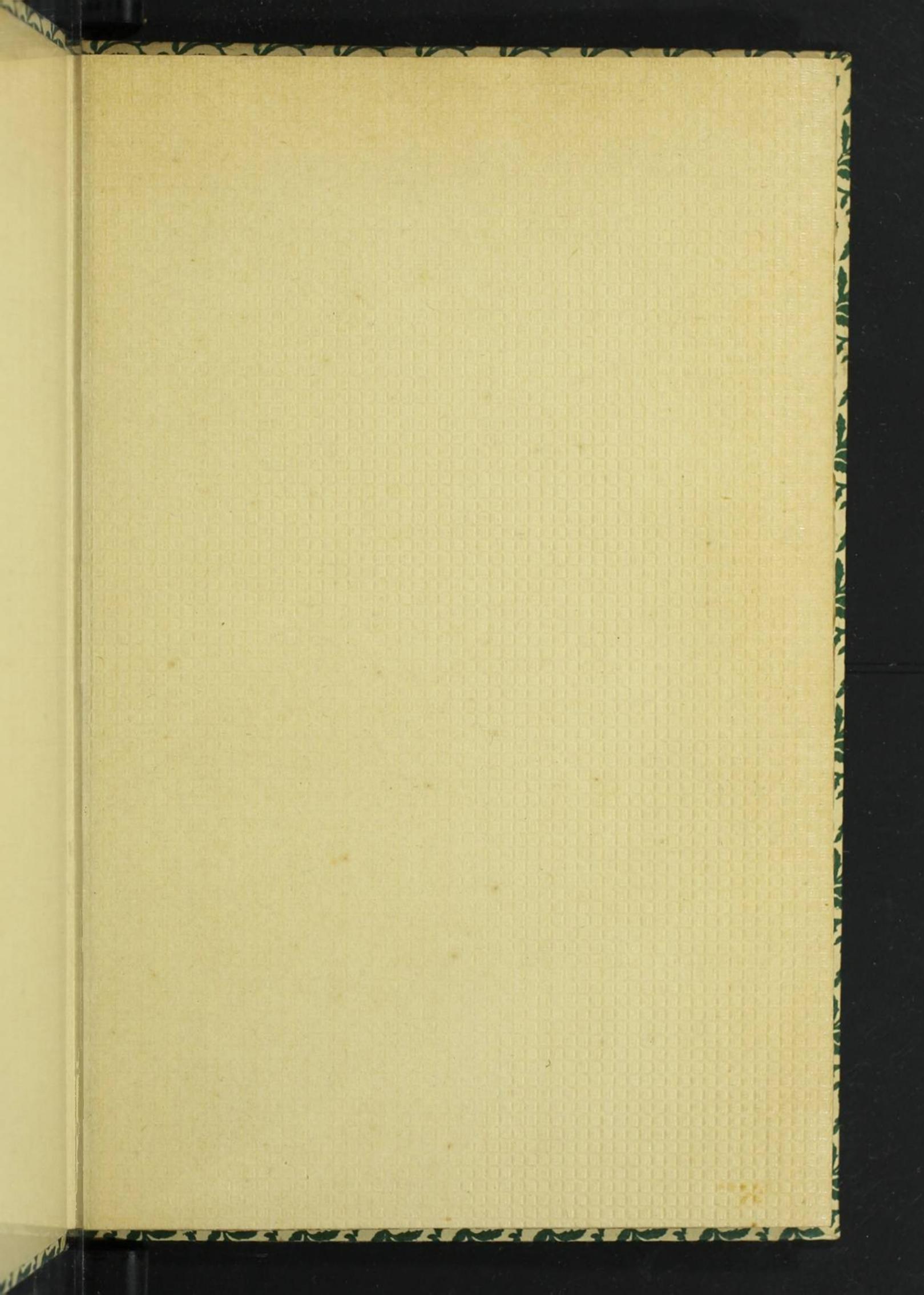
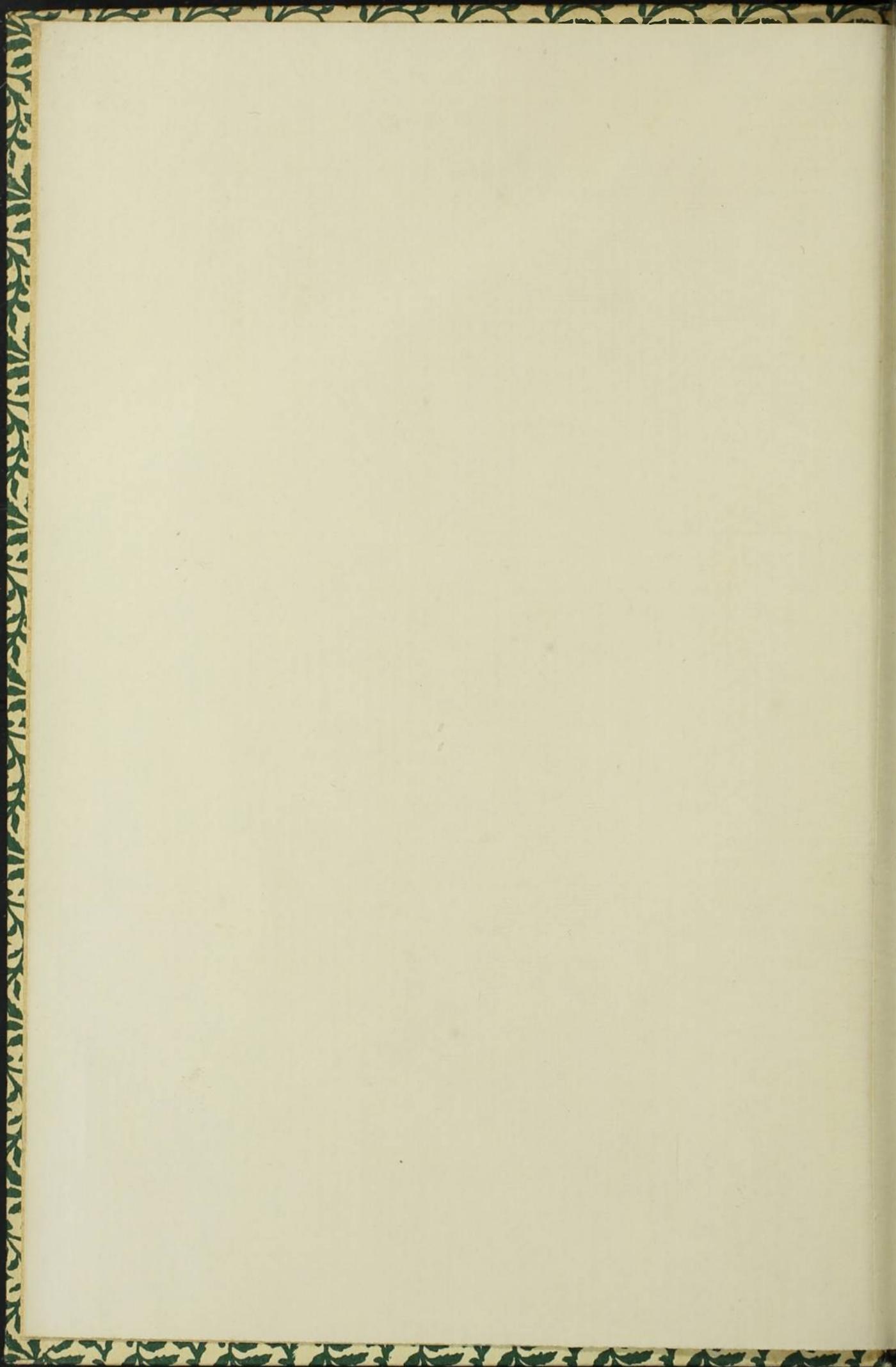


LIÇÕES ELEMENTARES
DE
ELOQUENCIA NACIONAL







P

7433

LICÇÕES

ELEMENTARES

DE

BLOQUENCIA NACIONAL,

EXTRAHIDAS DE

Francisco Freire de Carvalho,

E

OFFERECIDAS A MOCIDADE BRAZILEIRA

Por

UM ECCLESIASTICO.

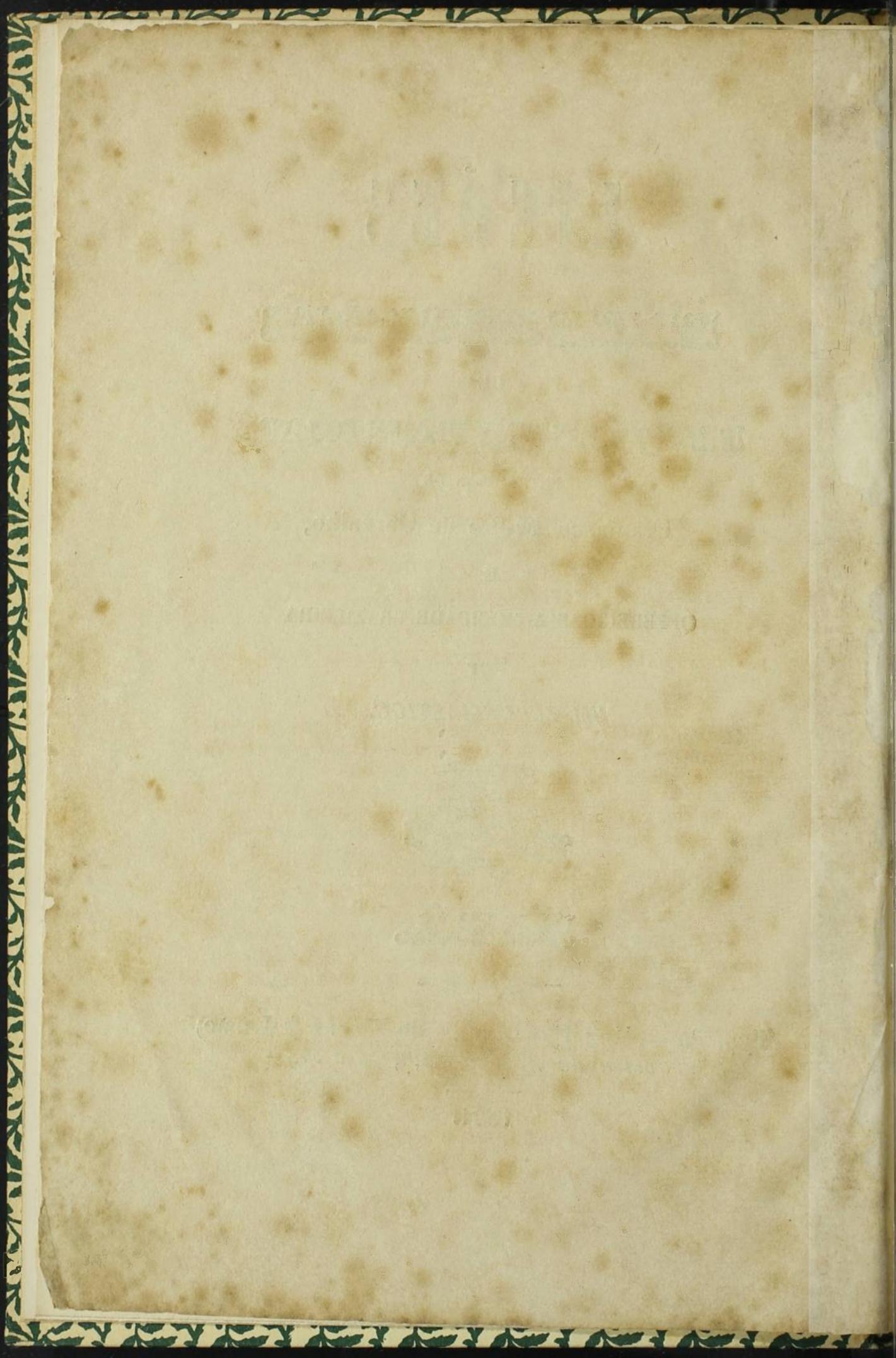


PARÁ.



Typ. da — VOZ PARAENSE — de Baena & Irmão,
Travessa da Misericórdia, casa N.—

1851.

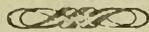


L I Ç Õ ã s

E L E M E N T A R E S

DE

E L O Q U E N C I A .



CAPITULO PRIMEIRO.

DEFINIÇÃO DA ELOQUENCIA RHETORICA, SUAS PARTES E ASSUMPTOS.

ELOQUENCIA é a faculdade de exprimir os pensamentos d'uma maneira vantajosa a produzir—*Convicção—Persuasão -- e Deleite.*

Rhetorica é a arte, que dirige as disposições naturaes do homem no exercicio da *Eloquencia*.

As partes da *Eloquencia*, ou requisitos necessarios e essenciaes ao Orador para preencher os fins á que se propoe, são — *Invenção — Disposição — Elocução -- Memoria — Pronunciação e Acção.* Isto é, pela *Invenção* descobre o Orador os pensamentos mais adequados para preencher os tres fins— *persuadir—deleitar—e mover.* A *Disposição* toca arranja-los na melhor ordem. A *Elocução* se occupa em fazer escolha das palavras e coloca-las na frase, pela maneira mais propria para exprimir os pensamentos. Pela *Memoria* os conservamos de modo que delles nos recordamos quanto tivermos de apresenta-los aos nossos ouvintes. Pronuncia-los bem, para que produzão o effeito desejado é da esfera da *Pronunciação.* Acompanhar finalmente esta *Pronunciação* ou Decla-

mação com gesto e movimentos que estejam em harmonia com todo o discurso, accommodando-se ás circumstancias, ás pessoas, tempos, lugares e materia, pertence á *Accção*.

As partes da Rhétorica, são: —*Invenção* —*Disposição* — e *Elocução*.

De todas as regras subministradas pela *Rhétorica*, para serem empregadas no Discurso Oratorio, poucas ha que sejam invariaves. Seu emprego depende das circumstancias, que o bom senso deve avaliar e conhecer, devendo o Orador fallar sempre o que for util e decoroso, isto é, observar as leis do decóro e do util, não tomando para materia de sua Eloquencia, senão o que for justo e honesto, util ou decoroso.

Assumpto da Eloquencia é tudo aquillo sobre que se pode tecer um Discurso Oratorio, que sirva para preencher os tres fins —*Persuadir* —*Convencer* — e *Recrear* — sendo materia util e decorosa.

CAPITULO SEGUNDO.

Os meios, que pode o Orador geralmente empregar para chegar aos fins á que se propoe, são: *Pensamentos*, que são como a alma do Discurso Oratorio, e *Palavras*, que são o corpo com que elle reveste os seus pensamentos: e os apresenta sensiveis ao seu auditorio: mas como deve accommodar-se ás circumstancias dos seus ouvintes e ao estado, em que se achão, de ignorancia, de paixao de indifferença ou inercia; é claro que sempre deve langar mão destes meios, tendo em vistas instrui-los fallando-lhes ao *entendimento*; move-los, fallando-lhes á *vontade*; e deleita-los, fallando-lhes á *imaginação*.

CAPITULO TERCEIRO.

Das questões e estados.

Todas as *questões*, em Eloquencia, reduzem-se a duas classes: *questões universaes, indeterminadas*, ou *Theses*; e *questões particulares, determinadas*, ou *Hypotheses*: nas primeiras

se tratão as materias absolutamente, abstraindo de toda e qualquer circumstancia; e é porisso uma proposição sempre *universal e indeterminada*: nas segundas as materias são limitadas pelas circumstancias de pessoas, tempos, lugares, etc. e é porisso uma proposição *determinada, e menos extensa que a universal*. He claro que toda a questão *determinada* está comprehendida em uma questão *indeterminada*, porisso discutindo-se oratoriamente qualquer questão particular, ou Hypothese convem discutir-se primeiramente a These.

Estado é aquelle ponto que constitue o assumpto principal do Discurso Oratorio: ou aquelle que se discutiria em todo o caso, prescindindo de todos os mais pontos accessorios: estes pontos accessorios ou accidentaes do Discurso chamão-se *Estados de questão*; e o ponto fundamental chama-se *Estado de Discurso*.

Os *Estados* dividem-se em *estado de conjectura* quando a questão versa sobre a existencia ou possibilidade de um objecto; *Estado de Definição*, quando versa sobre o nome que se lhe deve dar; e *Estado de qualidade*, quando versa sobre as qualidades moraes que o caracterisão.

Os generos de Eloquencia redazem-se a tres: 1.º de *Eloquencia das Assembléas Populares, Politicas ou Litterarias*—2.º das *Assembléas Civis, ou Forenses*—3.º das *Assembléas Ecclesiasticas, ou do Pulpito*.

CAPITULO QUARTO.

O Discurso Oratorio regular consta de quatro partes—*Exordio, Narração, Confirmação inclusive a Refutação e Peroração, ou Conclusão*.

O *Exordio* serve para preparar o auditorio, para que escute favoravelmente ao Oraçor, e este colha o fructo a que se propõe.

A *Narração* serve para inteirar os ouvintes da materia do Discurso.

A *Confirmação* serve, para provar com razões, apresentadas ao entendimento, a doutrina enunciada na *Narração*; e refutar, quando assim convenha, as objecções suscitadas, ou

que podem suscitar-se á cerca do ponto fundamental do Discurso.

A *Peroração*, que serve de remate a todo o Discurso, serve tambem para nella se empregar quanto for necessario para que o assumpto, já desenvolvido, fique mais impresso na memoria dos ouvintes; e para por meio dos motivos, que ahí se ponderão, mover a vontade a abraçar aquillo mesmo de que o entendimento já se acha convencido pelas razões apresentadas.

A ordem, que deve seguir-se na pronunciação de um Discurso, não é a mesma que deve presidir a sua composiçãõ. O Orador, que tem de compor um Discurso, principia examinando á que genero de Eloquencia pertence o Discurso que vai fazer; qual o ponto ou pontos fundamentaes; qual o seu Estado. Feito isto, deve applicar-se logo á confirmação, fazendo valer do melhor modo possivel as razões que provão o ponto fundamental, e as respostas ás objecções que lhe forão, ou podem ser offerecidas. Passa depois a fazer a Narração, ou exposiçãõ da materia do Discurso. Tem então lugar occupar-se do Exordio, que sendo para dispôr e conciliar seus ouvintes, melhor fará, se o assumpto já for por elle conhecido, estudado, confirmado, e explicitamente desenvolvido. A Peroração deve ter o ultimo lugar, porisso que ella tem de referir-se ás tres partes antecedentes.

CAPITULO QUINTO.

Do Exordio.

Exordio, ou Proemio. é a parte do Discurso, em que o Orador dispõe os seus ouvintes, para o escutarem favoravelmente.

Os Rhêtoricos admittem duas especies de Exordio—*Principio*—e *Insinuação*: o Exordio Principio é aquelle, com que o Orador prepara os seus ouvintes, expondo-lhes clara e directamente o fim á que se dirige.

O *Exordio Insinuação* é aquelle, com que, por meio de rodeios e indirectamente, o Orador prepara seus ouvintes para o fim proposto, por ter suspeiça de que o espirito de

auditorio não lhe é favoravel. Serve-se deste *Exordio* todas as vezes que sente alguma indisposição contra sua pessoa, ou contra a materia, que tomou por assumpto.

Para conseguir pois que os seus ouvintes se lhe tornem favoraveis nas outras partes do Discurso, deve empregar todo o esmero para lhes ganhar a *Benevolencia*, a *Attenção*, e a *Docilidade*.

O Orador conseguirá a *benevolencia* dos seus ouvintes, tocando-lhes os corações em seu favor: a *docilidade*, fazendo-lhes comprehender com facilidade a natureza e importancia do assumpto: a *attenção*, se souber interessar-lhes ao mesmo tempo o Entendimento e o Coração, acerca do que vai dizer-lhes.

Os ouvintes podem achar-se indispostos: 1.º Contra o Orador. 2.º contra a materia. 3.º contra a occasião, em que se lhes falla. No primeiro caso vencerá o Orador esta indisposição, pela *benevolencia*; no segundo pela *docilidade*; no terceiro pela *attenção*.

Sendo tantos e tão diversos os assumptos que, podem propor-se ao Orador para fallar, podem uns ser *sobre materia obscura*; outros *sobre materia duvidosa*; outros sobre *materia baixa*; outros finalmente sobre *materia vergonhosa*; ou aparentemente má. Sendo *obscura* a materia, deve o Orador exorçar-se por inspirar *docilidade*: sendo *duvidosa*, procurará conciliar a *benevolencia*, fazendo inclinar a seu favor o juizo do auditorio, que se acha em equilibrio; sendo *baixa*, procurará despertar a *attenção*: sendo *vergonhosa*, ou aparentemente má, não devendo esperar conciliar a *docilidade*, a *attenção*, e muito menos a *benevolencia*, mister se faz servir-se do *Exordio insinuativo*; e toda a arte de *insinuações*, isto he, de occultar com rodeios uma verdade aspera, vergonhosa, ou má, consiste em começar o Orador por uma cousa, que agrade aos seus ouvintes, ou que mereça sua approvação, na qual implicitamente se envolva a proposição aspera que depois insensivelmente se vem a desenvolver.

As fontes para o Orador conciliar a *benevolencia* são quatro: 1.º as pessoas: 2.º o assumpto: 3.º as circunstancias das pessoas, ou do assumpto: 4.º o discurso de outro O-

rador. As *peçoas* são: o proprio Orador, o seu Antagonista, ou concorrente, e os seus ouvintes: as *circunstancias das peçoas* são: Os parentes, os amigos, a patria considerada como pessoa moral etc. *Circunstancias do assumpto*, são; a occasião, o lugar, o tempo, a opinião publica e a expectação universal etc.

Conciliará a *benevolencia* dos seus ouvintes por meios de motivos tirados de suas proprias peçoas: 1.º louvando-se com moderação, e sem lizonja: 2.º condescendendo com o genio, costumes, e opiniões: 3.º destruindo suas preocupações, quando lhes forem contrarias, e confirmando-as quando lhes forem favoraveis.

Conciliará a *benevolencia*, por motivos tirados de sua propria pessoa: 1.º exforçando-se por ganhar a opinião de homem probo, desinteressado, e modesto: 2.º desviando de si toda a ideia de malignidade, orgulho, maledicencia etc.

O assumpto do Discurso, bem examinado e meditado, pode subministrar ao Orador meios de conciliar a *benevolencia* de seus ouvintes: advertindo que, lançando mão destes meios, deve tocar levemente o assumpto, porque não é aqui o proprio lugar, para se fallar com toda a extenção e calor ao coração, e de empregar á lingoagem animada das paixões, o que pertence a Peroração.

Conciliará a *benevolencia* por um Exordio tirado do Discurso do Orador, ou Oradores, que fallarão antes sobre a materia; porque parecendo taes Exordios compostos n'aquelle momento, e, sendo nascidos de circunstancias que occorrem, augmentão a reputação do Orador, por parecerem simples, e formados naturalmente d'aquillo que primeiro se offerece; e fazem crer que o Discurso, não obstante de ante-mão meditado, é feito de repente.

Quando fallar de seu antagonista, ou concorrente, para ganhar a benevolencia de seus ouvintes, deve fallar de sua pessoa de um modo honroso, dar demonstraçoens de que recea a força de sua Eloquencia, faze-lo por todos os lados recommendavel.

Para conciliar a *atención*, deve-se observar as regras seguintes: 1.ª Fazer ver ao auditorio que o assumpto, e modo de trata-lo é novo: 2.ª Que d'elle se espera bem, ou se receia mal: Prometter-lhes não ser demasiadamente extenso; mas que se limitará aos pontos indispensaveis.

Conciliará a *docilidade*, fazendo que o auditorio comprehenda a natureza, e a importancia do assumpto, por meio de uma ideia summaria, breve e precisa, desvanecendo todas as preocupações, que existem contra a materia do seu Discurso.

O *Exordio* será vicioso, 1.º se for *Vulgar*, isto é, que se accommoda a muitos assumptos: 2.º *Commun* é aquelle de que o Orador contrario pode servir-se: 3.º é *Commutavel* aquelle, que o adversario pode converter em sua utilidade: 4.º é *Separado* aquelle, que não tem connexão com o assumpto: 5.º é *Transferido* o Exordio, no qual se usa de um meio diverso, do que convinha para alcançar o fim, a que era destinado: 6.º é *Longo*, quando não tem justa proporção com o Discurso: 7.º é finalmente *contra as regras*; quando não consegue *benevolencia, attenção, e docilidade*.

CAPITULO SEXTO.

Da Narração.

Narração é a parte do Discurso Oratorio, dedicada a informar os ouvintes do assumpto do Discurso, de uma maneira accommodada ao fim á que se propõe o Orador.

A *Narração*, para ser perfeita, requer primeiro *Clareza*: 2.º *Brevidade*: 3.º *Verosimilhança*.

As regras da *Clareza* são: 1.ª empregar-se na Narração palavras proprias, não sendo sordidas, obscenas, ou baixas: 2.ª palavras expressivas, não sendo exquesitas, e desusadas: 3.ª fazer-se a devida distincção das cousas, pessoas, tempo, lugar, e causas: 4.ª Usar se de uma pronuncia intelligivel.

A *Narração* será breve: 1.º Se o Orador não introduzir objectos extranhos ao assumpto: 2.º Se cortar tudo quanto não fizer falta sensivel a *Clareza*.

A *Narração* será *viciosa*, ou por demasiada concisão, ou superfluidade; mas tendo de cahir n'algum dos dous extremos, seja antes no da superfluidade; e como neste caso a *Narração* longa seja fastidiosa, se devem observar as regras seguintes: 1.ª Dispôr no Exordio os seus ouvintes, pa-

ra a longa Narração, que vão escutar: 2.^o Deixar para a Confirmação tudo o que poder. fazendo disso menção: 3.^o Omitir particularidades pouco importantes: 4.^o Fazer uma divisão natural das partes da materia: 5.^o Finda a Narração fará uma pequena recapitulação de tudo.

As regras para a *Verosimilhança* são: 1.^o Consultar a boa razão para não dizer cousas contrarias á natureza: 2.^o Collocar as razões e os motivos antes dos factos, principalmente quando estes forem extraordinarios, e menos críveis: 3.^o Dar ás pessoas os seus devidos caracteres: 4.^o Attender as circumstancias do tempo, lugar, etc. 5.^o Dispor o enredo dos incidentes, de maneira que d'um ponto naturalmente se passe a outro; 6.^o Tocar levemente nas provas, que devem servir na Confirmação: 7.^o Usar de preparações oratorias. Chamão-se preparações oratorias, certos accessorios de pessoas, tempo, e lugar, que, posto que pareçam inúteis, dispõem toda-via os ouvintes a acreditar melhor.

São vícios contra a brevidade as *digressões*, e *argumentações*; as primeiras, por serem passagens em que o Orador se aparta do fio do Discurso, e as segundas, por serem desenvolvimentos de provas cujo proprio lugar é outro.

São vícios contra a *Clareza* as *expressões tropologicas* e *figuradas*, e o emprego d'uma linguagem apaixonada que, falando ao coração, offusca o entendimento; mas todos estes vícios deixão de o ser em certos casos, e porisso esta regra tem excepções; ficando ao bom siso do Orador o conhece-las.

A Narração divide-se em *Proposição—Partição—e Narração* em sentido restricto.

Proposição é a informação do assumpto, por meio de uma enunciação simples, constando de um só ponto, e della se usa, quando a materia é simples, e não necessita de desenvolvimento.

Partição é a informação do assumpto, por meio de tantas proposições, quantos são os pontos, em que a materia se divide naturalmente.

Narração, em sentido restricto, é a informação explicita do assumpto, com todas as suas circumstancias mais importantes.

São regras particulares da *Partição*: 1.^o Deve ser exacta, isto é, não constar de maior, ou menor numero de proposições, do que são os pontos, em que o assumpto se divide: 2.^o Os pontos devem naturalmente subordinar-se de tal maneira, que os mais singellos sejam tratados antes d'aquelles, que delles dependem para serem entendidos: 3.^o Cada ponto deve conter a sua respectiva materia. A *Partição* deve ser oqittida, não obstante a materia ser complexa. 1.^o Quando o Discurso tem de ser curto: 2.^o Quando não importa advertir aos ouvintes o plano, ou o fim á que o Orador se propoe. 3.^o Quando a *Partição* tiraria do Discurso a graça, e a novidade.

CAPITULO SETIMO.

Da Confirmação, e provas para converter o entendimento.

Confirmação é a parte do Discurso Oratorio, que serve para provar com razoes apresentadas ao Entendimento a doutrina enunciada na Narração; e refutar quando assim convenha as objecões suscitadas, ou que podem suscitar-se á cerca do ponto fundamental do Discurso.

As *provas*, de que se faz uso na Eloquencia, são: *provas logicas*, isto é, intellectuaes, ou razoes: e *provas moraes*, isto é, sentimentos, ou motivos: as primeiras destinão-se a illustrar o Entendimento: e as segundas a mover a vontade. O Emprego das primeiras tem lugar logo depois da Narração; e as segundas devem-se tratar depois das provas logicas; por isso que a Persuasão presuppoe a convicção. As *provas logicas* dividem-se em *extrinsecas* e *intrinsecas*: as *extrinsecas* são *exemplos*, *casos julgados*, *fama*, ou *opinião publica*, *titulos*, ou *documentos*, *juramentos*, *testemunhas*; e as *intrinsecas* são: *signaes*, e *argumentos*.

Exemplo é uma especie de prova, que tem seu fundamento na relação conhecida entre dous objectos, ou são indivíduos da mesma especie, ou de especie ou natureza diferente.

A *confrontação*, entre indivíduos da mesma especie, chama-se *similhança*: entre indivíduos de diferente especie ou

natureza chama-se *parabola*: a *confrontação* de factos com factos chama-se *exemplo* em accepção restricta: a *confrontação* de leis com leis chama-se *paridade* de direito: a *confrontação* de dictos com dictos chama-se *autoridade*.

Casos julgados são sentenças proferidas em diferentes Tribunaes. Ha tres especies: 1.^a Casos decididos em causas analogas: 2.^a decididos anteriormente: 3.^a Casos julgados sobre a mesma causa em anteriores instancias.

Quanto á *fama*, ou *opinião publica*, *titulos*, ou *documentos*, *juramentos*, *testemunhas*, pertence a jurisprudencia deteminar-lhes a significação, e força que tem para servirem de provas em juizo.

Signal é um indicio sensivel, que tem origem de alguma cousa: divide-se em *necessarios*, e *não necessarios*: Os *necessarios* tem intima connexão com a cousa significada; e os *não necessarios* tem só uma connexão remota.

Argumento é uma prova derivada do bom uso das faculdades intellectuaes, por meio de combinações reflexivas. Dividem-se em *argumentos certos*, e *provaveis*: os primeiros subdividem-se em *argumentos de certeza physica, moral, legal, convencional* já *provada*, e *não contradicta*; e os segundos, em *probabilissimos*, *mais provaveis*, e *simplesmente provaveis*; porisso que a probabilidade admite graos.

Para que as *provas logicas* produzão o effeito dezejado, cumpre seguir-se as seguintes regras: 1.^o evitar com todo o cuidado a mistura cónfusa de provas de diferente natureza: 2.^o quando a materia for clara, e o Orador poder contar com as forças de suas provas, deverá seguir na dedução das mesmas uma tal gradação, que ellas vão sempre augmentando em forças; 3.^o quando o Orador desconfia do bom exito do seu Discurso, e tem apenas uma prova sobre que possa fazer firmeza, será conveniente apresentar, desde o principio da confirmação, essa prova principal para que ella possa produzir impressão no espirito dos ouvintes, e dissipar-lhes as prevenções, afim de que escutem as outras com imparcialidade: 4.^o quando o orador tem uma ou duas provas fracas, convém que sejam collocadas no meio das outras afim de que sua fraquesa pareça menos sensivel: 5.^o quando as provas forem fortes, e coaclu-

dentos, não se receando então cousa alguma, deverão ser apresentadas separadamente, e offerecidas ao exame e reflexão dos ouvintes; se porem todas forem fracas, e extraídas de méras presumpções, o mais seguro é apresentalas em massa, para que se apoiem reciprocamente: 6.ª as provas não devem multiplicar-se em demasia nem ser desenvolvidas com abundancia de palavras; por que um numero de provas maior do que convem, sobrecarrega a memoria dos ouvintes, causa tédio, diminue a convicção e inspira pouca confiança na justiça da causa; e um grande numero de palavras, além dos limites d'uma arrazoada explicação, fazem perder á força e agudeza, que deve apparecer nesta parte do Discurso; e o Orador de ordinario cansando-se, depois de ter começado com força, acaba friamente.

Refutação é aquella parte da prova em que o Orador destroe os fundamentos contrarios á sua proposição. Deve ser feita tendo em vista os diversos estados á que pode pertencer a materia. Reduz-se tudo em geral a negar a existencia ou possibilidade da cousa contraposta, assim como o nome que se lhe dá, quando o estado é de conjectura, ou de definição ou defende-la da qualificação que se lhe attribue, quando o estado é de qualidade.

Ha tambem outro modo de refutar, nos Discursos Forenses, chamado *refutação por translação, ou excepção*, e é quando não se podendo negar o facto, nem defende-lo, o Orador se esforça por mostrar que o tal contradicção não deve ser discutido perante aquella auctoridade, n'aquelle tempo, lugar etc. fundando-se nas leis, e formalidades de direito do Paiz.

Felo que pertence á refutação das provas contrarias em particular, como fortes, ou como fracas, importa observar as seguintes regras: 1.ª devem refutar-se todas juntamente quando forem tão fracas, que com um só impulso se possam destruir, ou quando forem tão fortes, que o Orador não julgue conveniente medir as suas forças com cada uma dellas de per si: em tal caso será melhor expediente atacá-las por assim dizer em esquadrão cerrado e sem ordem de batalha, do que uma á uma: 2.ª devem refutar-se separadamente, quando se conhecer que sua força resulta

de sua união: 3.^a o melhor modo de refutar as objecções do Orador contrario é pelos seus mesmos ditos, descobrindo nelles alguma expressão contradictoria, alheia da materia, inverivel, desusada, ou mais a favor do refutante, do que do antagonista. Todas as vezes que a prova de um Discursos em geral, ou ainda mesmo a sua Narração constar de diferentes partes, pede a boa razão que o Orador as ligue de maneira que della resulte um todo unido e perfeito, o que conseguirá por meio das transições.

Transição oratoria é a passagem que o Orador faz no meio do Discurso de uma materia para outra, pela qual liga o pensamento antecedente ao seguinte, já fazendo menção simultanea do que tractou, e vai tractar, já indicando só a materia para que passa a entrar.

Os argumentos, depois de desenvolvidos, ao que se dá o nome de argumentações, podem reduzir-se a cinco formas seguintes: *Synaculutho*, *Entimema*, *Syllogismo*, *Epicheirema*, e *Dilemma*.

Os *Synaculuthos*, chamados tambem pensamentos entimematicos, são formados de proposições simples, que contêm em si as suas mesmas provas, isto é, nas quaes se apresenta, em um só ponto de vista, o *principio* e a *conclusão*, taes são os seus seguintes Mal se quieta povo faminto (Souza vida do Arce-Bispo L. 3.^o Cap. 20). Quem duvida, que todos os offendidos serão nossos soldados Freire vida de Castro L. 2.^o na fallia de Coge Cofar.

Entimema, chamado tambem Syllogismo imperfeito consta de duas proposições, uma das quaes é a controversa, e tem o nome de *intenção*, por ser a que o Orador intenta provar, e a outra tem o nome de *assumpção*, por ser a que toma para prova da primeira: [em Freire vida de Castro L. 4.^o] se lê um exemplo desta argumentação em uma fallia posta pelo author na boca do mesmo D. João de Castro Maior poder é o nosso, que do inimigo; pelejão pela nossa parte a fama, e a victoria.

Syllogismo consta de tres proposições denominadas: *Intenção*, *Assumpção*, e *Connexão*, ou *Conclusão*, das quaes a ultima serve para enunciar a relação intima, que existe entre as duas primeiras. Diferença-se o *Syllogismo Ora-*

torio, do Syllogismo Logico no methodo, com que nelles são deduzidas as tres proposições; por quanto no primeiro são deduzidas pelo methodo analytico, e no segundo pelo methodo Synthetico. A Argumentação fundamental do discurso d'Elrei D. João III á D. João de Castro, em que lhe declara have-lo nomeado Governador da India, o qual se lê em Jacintho Freire L. 1.º offerece um exemplo de um Syllogismo.

O *Epycherema* é composto, na opinião de alguns Rhetoricos, de cinco proposições, a saber *Intenção*, *Assumpção*, *Razões* de ambas, *Connexão*, ou *Conclusão*. Outros Rhetoricos seguem, que no *Epycherema* entrão só tres proposições; porque as razões das duas primeiras podem contemplar-se como accessorios de cada uma dellas; differencando-se do Syllogismo, não pelo numero, mas pela natureza das proposições, por servir-se este de principios verdadeiros, e o *Epycherema* ordinariamente de principios provaveis. A oração de Cogo Çofar, que se lê em Diogo do Couto, [Década 5.ª L. 2.ª Cap. 9.ª] na qual aquelle renegado aconselha ao Sultão Mahamud, Rei de Cambraia, que mande pôr cerco á Fortaleza de Dio, offerece a principio dous *Epycheremas* de cinco proposições, depois um Syllogismo, e a final um *Enthymema*.

Dilemma consta de duas proposições absolutas, e oppositas; a cada uma das quaes, convertidas depois em proposições condicionaes, se lhe ajunta outra; concluindo com a uma proposição *affirmativa* ou *negativa*, que abranja a todas a qual é a proposição que se intenta provar: consta pois o *Dilemma* de sete proposições—O Orador Vieira, e outros Classicos Portuguezes uzão repetidas vezes desta proposição *Dilemmatica*, e tal é a seguinte de Fr. Heitor Pinto [Imagem da Vida Christã, Parte II. Dialogo III. Cap. 6]: Querendo Alexandre Magno despedir a um Philosopho, que trazia em sua caza, lhe disse estas palavras: Eu, como sou homem, erro como homem; e tu, sendo philosopho, não me reprehendes nem avisas de nada: ou é, que não entendes meus erros, ou que os entendes: se os não entendes, não és sabio; se os entendes, não és meu amigo, pois me não emendas: por isso d'aqui te despeço, e vai-te em muito boa hora.

Ainda que as fórmulas dos argumentos sejam communs ao Philosopho, e ao Orador, contudo como os fins de ambos se-

jão differentes por isso que o primeiro só tem por fim o convencer, e o segundo persuadir convencendo, e delectando, diversa deve ser a maneira porque cada um delles as deve empregar no discurso: o primeiro deve fallar de modo claro, rigoroso, e sem enfeites: e o segundo uzar de variedades, riqueza e pompa na expressão.

CAPITULO OITAVO.

Da Peroração.

Peroração ou *conclusão* de um Discurso é aquella parte, em que o Orador lhe põe o ultimo remate. Divide se em *Recapitulação*, e *Epilogo*, sendo a primeira dedicada para nella serem apresentadas de novo em um rapido ponto de vista as principaes provas, que se desenvolverão na confirmação: e a segunda para nella o Orador empregar os meios mais adequados para mover, e arrebatár a vontade de seus ouvintes. Duas são as regras nas *Perorações* de todo e qualquer genero de discurso: 1.ª escolher precisamente o momento em que deve concluir, não concluindo d'um modo repentino e sem ser esperado, nem enganando a expectação dos ouvintes, quando esperão ser chegados ao fim do Discurso: 2.ª acabar d'um modo elegante, e agradável, com dignidade e fogo, e não d'uma maneira fria, e por alguma frase frouxa e languida, de sorte que o auditorio se retire abalado, e leve consigo uma impressão final, que seja favoravel ao Orador, e ao assumpto.

Quanto á recapitulação em particular, as regras que se devem observar, para que seja bem feita, são: 1.ª o que houver de recapitular-se deverá ser dito com a brevidade possivel, correndo pelos pontos mais capitaes, por que de outra maneira seria fazer uma nova oração, e não recapitulação: 2.ª as cousas, que se recapitularem, deverão ser animadas com pensamentos os mais accomodados ao fim, e significadas com palavras expressivas, e sobre tudo variadas com um emprego de frases acima do vulgar, por que repetir as mesmas palavras do corpo do Discurso, seria desgostar os ouvintes, e causar-lhes tedio, com uma tal recapitulação simples, e nua.

A *Recapitulação* é necessaria na *Peroração*, e mesmo em outras partes do Discurso como são: a *Narração* e *Confirmação*, quando o discurso é complicado, ou consta de muitos pontos ou ainda quando um só ponto é desenvolvido, ou confirmado com muitas provas. Se porém a oração for simples e breve, será desnecessaria.

O *Epilogo* é a parte da *Peroração* destinada ao emprego das provas moraes, isto é, da excitação dos affectos, as quaes, por isso que movem e arrebatão a alma, obrando directamente sobre a vontade, chamão se *motivos*, em contraposição ás provas logicas, q' porisso que são destinadas a convencer o entendimento, se chamão *razões*. Os *motivos* dividem-se em *Ethicos*, e *Patheticos*. Os *Ethicos* obzão insinuando-se brandamente: devem ser permanentes, e por isso tem lugar em todo o Discurso, e abrangem todos os assumptos.

Os *Patheticos*, obrando com forga perturbão a alma, e produzem movimentos rapidos e passageiros, posto que hãõ materias que demandem o Pathetico continuado como são os Discursos curtos, e quando os ouvintes já se achão preparados e convencidos. Só entrão em pequeno numero de assumptos. O seu proprio lugar é o Exordio, *Narração*, e *Peroração*, advertindo-se que nos dois primeiros devem ser mais breves, e menos vehementes, do que no *Epilogo*, onde é permittido ao Orador empregar todos os esforços de sua Eloquencia para seu completo triumpho.

Os *Affectos Ethicos* ou brandos que se devem deixar ver em todas as partes do Discurso, e que o Orador deve propor-se a excitar nos corações dos seus ouvintes, ou são relativos á sua pessoa, ou ás de seus ouvintes, ou á pessoa, ou pessoas por cujo respeito faz o seu Discurso; e por isso deve attender aos caracteres, que melhor convem a estas tres qualidades de pessoas; para os representar o mais fielmente possivel, e despertar os sentimentos Ethicos, que lhes forem correspondentes. O carater que está bem á pessoa do Orador é o de *Prudencia*, e *Bondade*: o primeiro, para que tenham confiança em suas luzes, e o segundo para que os ouvintes estejam certos de que elle os não pretende enganar. Representará os caracteres das pessoas de seus ouvintes, procurando conhece-los, e imita los, por que os homens amão naturalmente os seus semelhantes: desta maneira o Orador, mostrando-se animado dos mesmos sentimentos dos seus ouvintes.

tes, facilmente lhes persuadirá, que tem os mesmos interesses que elles, e por isso incapaz de os enganar. Quanto ás pessoas de que pode tratar o seu Discurso, as pintará com as mesmas qualidades de *Prudencia, e Bondade*, com que faz recommendavel a sua propria pessoa, quando fallar a favor dellas, e com sentimentos contrarios quando fallar contra. Os meios de que deve lançar mão o Orador, para excitar os *Affectos Patheticos*, são: 1.^o trabalhar, quanto for possível, por se apaixonar verdadeiramente a si mesmo; por que ninguém se condoa de um mal, que se conta sem dor; e nem se indigna contra uma cousa, quando observa que aquelle, que a relata, não esta inteiramente indignado; representando por meio de vivas e animadas côres a imagem de sua alma agitada, e com ellas despertando nos seus ouvintes, pela sympathia natural aos corações humanos, aquelles mesmos sentimentos que elle em si experimenta: para se conseguir isto deve o Orador: 1.^o representar interiormente, e por meio da fantazia, as imagens dos objectos ausentes tão vivamente como se os visse presentes: 2.^o suppor, como proprios, os males ou bens alheios, fazendo o mais possível por se persuadir por meio da imaginação de que se acha em identicas circumstancias. Pelo que pertence á qualidade dos affectos Patheticos somente o conhecimento do assumpto o poderá ensinar. O que importa com tudo advertir e que nem todos os Discursos pedem affectos fortes, e animados, ou Patheticos; mas somente aquelles assumptos, que por sua grande importancia, demandão ser tractados com todo o calor da Eloquencia.

As regras mais particulares, para despertar os affectos Patheticos, são as seguintes: 1.^o considerar com o maior cuidado, se o assumpto pede ou não o Pathetico, e qual a parte do Discurso, onde convenha melhor emprega-lo, advertindo que, para que uma commoção seja contradora, devem os ouvintes estar convencidos por meio de razões poderosas, de que devem abraçar a opinião proposta pelo Orador: 2.^o nunca deve reservar no seu Discurso um lugar particular para excitar qualquer paixão, e muito menos advertir os seus ouvintes que vai despertar-lhes um affecto Pathetico, pelo contrario deve lançar mão do momento favoravel, que se apresentar á commoção, qualquer que seja a parte de seu Discurso: 3.^o como não é a mesma cousa o

commover os ouvintes, que o provar-lhes que elles devem sentir se commovidos, para que o Orador seja Pathetico é preciso que pinte o objecto da paixão em um quadro natural e tocante; já fallando aos sentimentos; já á imaginação dos seus ouvintes, e apresentando-lhes circumstancias mais proprias a despertar a paixão, de sorte que o auditorio pareça ver o objecto, que se lhe pinta, em toda a sua vivacidade possível, e na mais perfeita similhaça com os objectos, que immediatamente ferem os sentidos. O unico methodo para se observar esta regra consiste em mover-se a si mesmo, por que uma paixão verdadeira subministra uma infinidade de meios para a communicar-mos aos outros, o que nenhuma arte pode fazer: 4.ª estudar á fundo a linguagem das paixões para imita-la; mas deve-se advertir que esta linguagem é sempre simples, e isenta de affectação, animada sem de frases valentes, mais sem ornatos exquisitos: 5.ª não misturar com a parte Pathetica cousas que lhe são extranhas; fugindo por ex. de digressões pelo menos longas, das comparações quasi sempre perigosas, e fora de propósito nessa parte, de raciocínios abstractos, o que tudo obsta, e esfria o curso da paixão: 6.ª não deve prologar em demasia o Pathetico por que as commoções vivas não podem ter longa duração, e são um verdadeiro estado de incommodo para a alma: 7.ª sobre tudo exerce-se o Orador em não levar-se acima do que ordena a natureza, por que se quizer arrastar os ouvintes contra a sua vontade ou destruirá a impressão começada, ou gelará o seu auditorio subitamente.

CAPITULO NONO.

Da Disposição oratoria em particular.

Disposição oratoria é a distribuição dos pensamentos em geral do discurso, e de cada uma das suas partes em especial nos seus lugares competentes accommodada ao fim, que o Orador se tem proposto. A Disposição, que deve dar se ás partes fundamentaes, ou aos quatro grandes pensamentos de um discurso oratorio regular, já ficou ensinada no Cap. 4.º: agora a que é respectiva em especial as partes, nas quaes se subveide cada um daquelles quatro grandes pen-

samentos. por ex., a Disposição das provas, que tem o seu lugar ordinario immediatamente depois da Narração, essa varia conforme o exige o interesse do assumpto, e a maneira de a fazer é suggerida antes pela prudencia do Orador, do que pelos dictames da Rhetorica. Sobre esta materia se deve ter muito em vista a *Disposição* que Quintiliano denomina *Economica*, isto é aquella, por meio da qual o numero, e a ordem das partes de um discurso sobre determinado assumpto, assim as mais graúdas, como as subdivisões destas, se accommodão ás circumstancias particulares do lugar, tempo, e pessoas, etc.; ordem que só o assumpto bem meditado poderá ensinar, porque o saber quando se deve fazer um exordio, quando se deve usar de uma Narração seguida, ou repartida, quando se deve confirmar, ou refutar; quando na Peroração deve haver recapitulação, ou Epilogo etc. depende tudo isto das felizes disposições naturaes do Orador, acompanhadas de estudo profundo, e de aturada meditação.

CAPITULO DECIMO.

O que seja Elocução Oratoria, sua Difficuldade, Excellencia e Perfeição.

Elocução ou Frase em linguagem de Eloquencia é a escolha de vocabulos, e sua collocação na oração propria a dar força e belleza aos pensamentos, a fim de que o Orador alcance o fim á que se propoe. Diferença-se da Elocução grammatical, que é uma simples enunciação dos conceitos do espirito feita por meio de palavras.

A Elocução é de todas as partes da Eloquencia a mais difficil, porque depende do perfeito conhecimento do idioma, que sendo como o nosso rico em vocabulos, e variado em frases, seu conhecimento se torna difficillimo; e alem destas e outras difficuldades, para Elocução oratoria se requer um perfeito conhecimento da linguagem das paixões, a qual só se aprende com muita attenção e reflexão da natureza humana, quando movida por aquellas valentes molles rompe em expressões suggeridas por ellas.

A excellencia da Elocução oratoria se prova pelas ra-

zões seguintes: 1.ª E' ella quem habilita o Orador para apresentar dignamente ao publico os seus pensamentos, elle ainda quando tenha todos os mais talentos oratorios, sem a Elocução, não será cousa alguma: 2.ª E' della que tomou o nome a Eloquencia: 3.ª E' ella quem distingue os diferentes Oradores, mas, posto que a Elocução seja uma das partes mais importantes da Eloquencia, contudo o Orador não deve entregar-se todo ás palavras e fraseados, desprezando os pensamentos, que são a alma do discurso.

CAPITULO DECIMO PRIMEIRO.

Virtudes e vicios da Elocução.

As palavras ou são empregadas no discurso separadamente, ou formando aggregados, ao que chamamos orações ou incisos, membros, e periodos. Será perfeita a Elocução nas palavras consideradas separadamente, se estas forem *puras, e claras*: nas palavras consideradas nas suas reunioes diferentes, se estas forem *correctas* e bem *collocadas*; e nas consideradas, ou reunidas, ou separadas, se estas forem oradas: São pôr tanto as virtudes da Elocução *Pureza, Correccção, Clareza, Ornato, e boa collocação.*

A Elocução será *pura* se constar de palavras do proprio idioma, em que o Orador se propõe a fallar; e de mais disto adoptadas pelo uzo dos que bem o fallão. — São, vicios oppostos á Elocução o *Barbarismo* ou *Peregrinismo*, e *Purismo*, o primeiro consiste no emprego de palavras, ou frases de differente idioma, introduzidas em o Nacional sem authoridade competente e o segundo consiste na affectação demasiada de pureza de linguagem sem admittir palavra, ou frase alguma, que não seja autorizada pelos meliores mestres da mesma linguagem.

Elocução correctá é aquella em que as palavras se unem segundo as regras da Grammatica. O vicio opposto se chama *Solecismo*. Será *clara* a Elocução se as palavras forem proprias. A propriedade das palavras reduz-se a cinco classes. Na primeira entrão as inventadas na sua origem para significarem certas e determinadas ideias; advertindo-se porém que destas nunca se deverá usar na E-

locução oratoria, todas as vezes que forem *obscenas, sordidas*, ou ainda *baixas*. Na segunda entrão aquellas, que, não obstante o terem uma significação primaria, para que forão inventadas, com tudo o uso as tem apropriado para significarem outras ideias, por exemplo, a palavra *vertice* que significando primitivamente o *redemoinho de agua*, etc. passou depois pelo uso a significar tambem o *cume do monte* e a *summitade de qualquer cousa*. Na terceira entrão as palavras, para assim dizer, consagradas para designar um só objecto de muitos, aos quaes é commum uma cousa: taes são as palavras *Longitude*, e *Latitude*, tomadas em accepção geographica, e muitos dos termos technicos das Sciencias, Artes e Officios. Na quarta entrão as palavras, que sendo communs a muitos individuos, se aproprião a um delles em particular, taes são as palavras, com que designamos as qualidades, em que um individuo sobresahe a outros da mesma especie pela superioridade da sua natureza: assim por exemplo, fallando de Camões, dizemos o *Epico Portuguez*. Na quinta entrão finalmente as palavras que forem tão expressivas, que outras se não possam encontrar, que mais o sejão: Ex. Está a cidade de Mazegão situada nas prayas do mar Atlantico tão visinha á cidade Real de Marrocos, *que lhe fica como metida nos olhos* (Souza, vida do Arcebispo, Liv. II. Cap. II)

Os vicios contrarios á virtude da *clareza* da Elocução reduzem-se a dez: 1.º As palavras desusadas: 2.º As particulares de alguns paizes: 3.º As *homonimas*, isto é, as que debaixo do mesmo nome tem differantes significações: 4.º As expressões enigmaticas, a que chamamos em Portuguez *expressões refinadas*: 5.º As transposições muito distantes ou contra o uso: 6.º A confusão de palavras na oração, a que se dá o nome de *Synchyse*: 7.º Os parentheses extensos: 8.º A ambiguidade que resulta da má composição: 9.º A verbosidade demasiada e vã, denominada *Perissologia*: 10.º A brevidade demasiada. Assim para que o Orador evite estes vicios deverá usar de vocabulios proprios, ordem recta, periodos curtos, evitando tanto a demasiada concisão, como a abundancia excessiva de palavras.

CAPITULO DECIMO SEGUNDO.

Do ornato oratorio.

Ornato oratorio é tudo aquillo, que acrescenta mais luz, força, e graça á enunciação ja clara e correta das nossas ideias, feitas por meio de palavras. As qualidades que constituem o ornato, são 1.^o o ser *viril* 2.^o o ser *forte*, 3.^o o ser *natural*, 4.^o o ser *decente*. A estas qualidades se oppoem. 1.^o o *effeminado*, 2.^o o *molle*, 3.^o o *contrafeito*, 4.^o o *incongruente*. O ornato da Elocução nas palavras consideradas separadamente consiste em que entre as synonymas se empreguem as mais honestas, as mais sublimes, as mais polidas, as mais sonoras, as mais euphônicas, as mais accommodadas ao objecto que se pretende significar; e ainda as antiquadas, as innovadas, as derivadas etc., com tanto que o Orador as empregue com justa moderação. As orações, e outras partes miudas, que entrão na composição de um discurso oratorio, merecerão com verdade o título de ornadas, se constarem de palavras *expressivas*, *energicas*, *sentimentaes*, de *frases tropologicas*, *figuradas*, etc.

São vicios contra o ornato do discurso os doze seguintes: 1.^o o *Cacòphaton*, isto é, o emprego de palavras, que separadas, ou unidas offerecem á intelligencia vulgar alguma ideia obscena, sordida, e indecente: 2.^o a *Tapemosis*, isto é, vicio com o qual se diminue por meio da frase a grandeza do objecto, que se intenta significar: 3.^o a *Auxésis*, com que se dão nomes mui subidos a cousas pequenas, excepto quando são empregados de proposito para fazer rir: 4.^o as *Expressões desordenadas em geral*, como são as tristes, as grosseiras, as insipidas, e as desleixadas: 5.^o a *Meiosis*, isto é, vicio com o qual se cortão á oração palavras, cuja falta faz o seu sentido imperfeito: 6.^o a *Tautolòquia*, ou a repetição desnecessaria da mesma palavra, ou oração: 7.^o a *Omeilòquia*, com que por falta de variedade na frase o discurso se torna fastidioso: 8.^o a *Macrologia*, em que se diz por muitas palavras, e que mais bellamente se podia dizer em poucas: 9.^o o *Pleonasmò*, uso de palavras superfluas para a intelligencia do pensamento: 10. a *Pexiarguia*, ou ostentação de apuramento demasiado na Elocução:

11.º *Cacozèlon*, emprego de uma imitação infeliz, quando o genio destituido de juizo, e de verdadeiro gosto se engana com o bello apparente; taes são as palavras ineptas, a frase escura, a collocação molle, e effeminada, a affectação pueril de consoantes, e equívocos, etc. 12.º o *Cenismo*, ou a mi-tura de varias linguas, ou dialectos; e ainda de expressões sublimes com baixas, de antigas com modernas, de poeticas com vulgares.

CAPITULO DECIMO TERCEIRO.

Dos Grãos do ornato:

Das Pinturas, primeiro Grão do Ornato.

O Ornato da Elocução Oratoria pode nascer, ou dos pensamentos, ou das palavras, aquelles sendo bellos, energicos, e enunciados algumas vezes com uma frase meramente clara e correcta; estas sendo apresentadas por uma maneira extraordinaria, com que são empregadas na oração, communicão a esta uma graça, ou força que sem isso não teria. Os pensamentos que dão ornato a Elocução são ou filhos dos objectos da Natureza, fielmente pintados e imitados; ou felizes concepções e fructos do talento do Orador: por isso o Ornato oratorio se divide em tres especies, ou grãos designados pelos nomes de *Pinturas*, de *Conceitos*, e de *Adorno*. As *Pinturas* oratorias dividem se em seis especies, que são: *Enarqueias*, *Similhanças*, *Parábolas*, *Inagens*, *Bosquêjos*, e *Emphases*.

CAPITULO DECIMO QUARTO.

Das Enarqueias.

Enarqueias são as pinturas dos objectos, feitos com tal viveza, que parece estarem-se vendo. Dellas ha duas especies; 1.º Aquella, com que se pinta a imagem do objecto toda junta em um só quadro, por ter sido a acção feita no mesmo lugar, em um só momento, e pelos mesmos agentes: tal é a imagem do Deos da guerra, que o Autor dos *Lusia-*

flas faz no Cant 1.º Est. 36, e 37, quando este se levanta para dar o seu parecer no Concelho de Jupiter, convocado sobre a empreza da navegação do Gama.

*Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao còllo pendurado
Deitando para traz medonho e irado:
A vizeira do elmo de diamante
Alevantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se pôz diante
De Jupiter, armado, forte, e duro.*

A segunda especie de Enargueias é composta de varios quadros successivos, que representam accoes obradas por diferentes individuos. e em diferentes momentos, e lugares, tal é a pintura do exercito Portuguez, conduzido per el Rei D. Affonso 4.º em socorro do seu genro o Rei de Castella, que se lê nos Lusiadas Cant. 3.º Est. 107, e 108:

*Mas ja co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados:
Lustra co' o sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavalloos jaezuos:
A canora trombeta embandeirada
Os corações a' paz acostumados,
Vai as fulgentes armas incitando
Pelas concavidades retumbando etc.*

Para que estas especies de Pinturas sejam perfeitas, se deve attender a quatro cousas: 1.º Que a Pintura ou descripção tenha um fim principal, a que todas as suas partes se encaminhem: 2.º Escolher os pontos de vista mais favoraveis ao effeito, que se pretende produzir: 3.º Escolher aquelles tôques, que exprimem mais vivamente o que se pretende pintar: 4.º Finalmente procurar os contrastes, que, como o cláro e escuro na pintura, servem para fazer realçar os objectos, que quizer fazer mais sensiveis.

CAPITULO DECIMO QUINTO.

Das Similhanças.

As *Similhanças* segundo genero de Pinturas differem

das Enargueias, em que estas representão os objectos por meio de palavras; e aquellas representão um objecto por meio de outro, com o qual se confronta. Tem este segundo genero de Pinturas a vantagem de que a imaginação, propondo-se-lhe um objecto semelhante ao que particularmente se lhe intenta pintar, figura-se muitos pontos de vista importantes, que se não poderião exprimir por meio do simples uso das palavras. Nos Lusíadas Cant. 3. Est. 40, se encontra o seguinte ex. desta Pintura:

*Qual diante do algôz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cêpo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas, o Rei vendo a extrema lealdade,
Mas pôde em fim, que a ira, a piedade.*

A regra principal, que deve observar o Orador nas Pinturas por Similhanças é pôr um particular cuidado em que a cousa, de que tira a Similhança, não seja escura, nem desconhecida, antes sim familiar aos seus ouvintes.

CAPITULO DECIMO SEXTO.

Das Parabolos.

As Parabolos terceiro genero de Pinturas differem das Similhanças, em serem nestas tirados de cousas familiares, e da mesma especie, e aquellas de cousas mais remotas, e de especie, e natureza diversa, os objectos de comparação; sendo na Parábola até uma belleza essa mesma distancia, donde se vai buscar o objecto de confrontação. Nos Lusíadas lê-se, entre muitos outros, o seguinte exemplo de uma Parábola (Canto 2. Est. 23)

*Quaes para a cova as pròvidas formigas,
Levando o pezo grande accommodado,
As forças exercitão, de inimigas*

*Do inimigo inverno congelado;
Alli s̃o seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Tal andavão as nymphas estorvando
A' gente Portugueza o fim nefando.*

Nas Similhanças, e Parábolas, em ambas as quaes ha confrontação entre o objecto semelhante, e o assimilado, já se põe aquelle primeiro, e este depois; já ao contrario, e com a competente applicação; já em fim o semelhante vai sem applicação manifesta. No exemplo acima dado o objecto semelhante precede ao assimilado: Exemplo de Similhança posta depois do objecto assimilado se lê em Camocs no Canto 2 Est. 43 do seu immortal Poema:

*E co' o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado.
Que, quem no affaga, o choro lhe accrescenta.*

Exemplo de Parábola, sem della fazer-se applicação manifesta ao objecto assimilado, se lê em Fr. Heitor Pinto [imagem da vida Christã, Parte 2.^a Dialogo 1.^o Cap. 25], o qual é: « Não ha grandes valles, senão onde ha grandes montes: não ha grandes funduras de humildade, senão onde ha grandes alturas de virtudes. »

CAPITULO DECIMO SETIMO.

Das Imagens.

As *Imagens*, quarto genero de Pinturas, são umas similhanças, ou Parábolas breves que apontão somente o objecto semelhante, deixando aos ouvintes o perceber a analogia, e fazer a confrontação: É pois a Imagem um retoque de similhança rigoroso, mas passageiro, ou, para assim dizer, uma pincelada escapada mais por acaso, do que feita de proposito. Tal é a de Jacinto Freire (Vida de Castro Liv. 2.^o) no discurso de Coge Çofar: Pôz-me os olhos, e levantou-me *como vapor da terra*, antepondo-me estranho e

peregrino aos que lhe nascerão em casa: Ou a elegantíssima dos Lusíadas, Canto 2.º Est. 44.

. E nisto de mimosa
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvatho fica a fresca rosa.

CAPITULO DECIMO OITAVO.

Dos Bosquijos.

Os *Bosquijos*, quinto genero de Pinturas, pintão os objectos com clareza, cõcisão, e rapidez: Chamão-se *Bosquejos*, nome derivado da arte da Pintura, como querendo dizer, primeiras linhas, e borrões principiaados, mas não acabados, dos grandes Mestres da Eloquencia. Todo o cuidado do Orader no emprego dos *Bosquejos* deve consistir pois em dar a ver aos seus ouvintes, por meio de loques vivos aquelles pontos de vista, que não cõhem sobre os sentidos do commum dos homens; deixando-lhes o gesto de imaginar tudo o mais, que se não exprime. Tal é o lugar de Vieira [Serm Par. 4.º Pag. 437] *Mas quando vião o gigante de tão desmedida estatura, e as armas iguais aos membros, com que parecia uma torre de ferro, todos desmaiarão, e tremião:* E o do Autor dos Lusíadas, pintando concisa e rapidamente o ar sobranceiro e alegre do Tritão que conduzia a Venus sobre seus hombros (Canto 2.º Est. 24)

*Não sente quem a leva, o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa;*

CAPITULO DECIMO NONO.

Das Emphases.

A *Emphase* é um genero de Pintura Oratoria, em que se dá a entender mais, do que se expressa; differença-se dos *Bosquejos* em serem estes pinturas começadas, que deixando não obstante a imaginação o acaba-las, todavia o seo

objecto é o mesmo e nas Emphases não é o mesmo o que se diz, e o que dahi se colige, más diverso.

Os Rhetoricos admittem duas especies de Emphases, a saber: uma, que significa mais, do que se diz, ou ainda aquillo que se não diz: por exemplo; o dito gracioso de um da companhia de Vasco da Gama. (Lusiadas Cant. 5.º Est. 25.)

*Olá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.*

A segunda especie de Emphase consiste ou na suppressão total de um sentido, ou na sua interrupção: suprime-se quando o pensamento fica suspenso, e pede outro que se subentende. Tal é a suppressão, que offerece a Oração de Cicero pro Ligario § 15.º *Si in hac tanta tua etc.* Se nesta fortuna tua tamanha não houvesse tanta benignidade, quanta tu possues de ti mesmo, sim de ti mesmo (bem si o que digo), funestissimo fôra o luto, que redundaria desta victoria,, interrompe-se quando a oração grammatical fica incompleta, e requer um complemento que pelas circumstancias facilmente se supre. Tal é a Emphase dos Lusíadas Cant. 2.º Est. 41.

*Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes
Que pois eu fui..... E nisto de mimosa.*

CAPITULO VIGESIMO.

Dos Conceitos Oratorios.

Os *Conceitos Oratorios* são pensamentos, que pela forma com que são concebidos no espirito, tem huma belleza particular, que lhes dá ou mais força, ou mais graça, do que outros quaesquer; donde resulta um ornato notavel ao discurso; dividem-se portanto os *Conceitos oratorios*: em *Conceitos fortes*, que servem para dar força, e em *Conceitos agudos*, chamados tambem *sentenciosos*, ou simplesmente *Sentenças*, que servem para dar mais graça ao discurso.

CAPITULO VIGESIMO PRIMEIRO.

Dos Conceitos fortes.

A *Amplificação*, genero de Conceitos fortes, de mais proveitoso e frequente uso na Eloquencia, é aquelle que serve para engrandecer, ou apoucar os objectos. A duas maneiras de amplificar a que se reduz a amplificação, são *absoluta*, e *relativa*. A 1.^a considera o objecto, que pretende amplificar, em si mesmo, sem relações a outros, decompondo-o em todas as suas partes e circumstancias. A 2.^a sabendo fóra do objecto, e comparando-o com outro de uma ordem inferior, igual, ou superior, consegue avulta-lo muito mais do que antes se afigurava. A maneira de amplificar absoluta se divide em tres especies; por serem outros tantos os modos de se conceberem as ideas parciaes de um composto. 1.^a Amplificação por *gradação*, descobrindo neilas diferentes grãos de bondade, ou maldade. 2.^a Amplificação por via do *raciocinio*, colligindo da grandesa de umas as de outras. 3.^a Amplificação por *congeries*, amontoando todas as ideas parciaes para com a multidão simultanea fazer-se maior impressão. A maneira de amplificar relativa se divide em tres especies por comparação de maior para menor, de menor para maior, de igual para igual.

A Amplificação por *gradação* consiste em fazer parecer grandes cousas pequenas, e vice-versa, descendo ou subindo por um ou muitos grãos até chegar ao ponto maximo, ou minimo. Tal é o exemplo de Vieira (Serm. part. 3.^a pag. 154) "Muito é, que Jacob e Esaú não coubessem em uma casa: mais é que Lot e Abraham não coubessem em uma Cidade: muito mais é que Saul e David não coubessem em um Reino: mas o que excede toda admiração he, que Caim e Abel não coubessem em todo o mundo. Ha outra especie de amplificar na qual a gradação, ainda que não seja clara, não deixa de ser bella e eficaz: Tal é o exemplo de Souza (Vida do Arcebispo Liv. 3.^o Cap. 10) Elle por sua mão, por que não houve outra que se atrevesse, fêre nas portas sagradas, fende, racha, arromba e entra dentro, desaferra dos altares o delinquente, leva-o preso, e lança-o carregado de ferros no fundo da cadeia publica. Em cada

uma das partes desta gradação, deve haver alguma pausa na expressão para a tornar mais clara e sensível.

A Amplificação, que se faz por meio do *Raciocinio*, consiste em engrandecer as diferentes circumstancias, que tem conexão com a cousa, que se pretende amplificar, afim de que por via do Raciocinio se deduza a grandesa dessa mesma cousa. De seis modos pode engrandecer o Orador qualquer objecto, por meio desta especie de amplificação 1.^o Inferindo a grandeza dos antecedentes da grandeza dos consequentes: Ex. Cam. *Lusiadas* (Canto 7.º Est. 56.)

*Mais tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha
Será tal, que sera' no mundo ouvido
O Vencedor por gloria do vencido.*

2.^o Inferindo a grandeza dos consequentes, ou dos efeitos, pela dos antecedentes ou das causas. Ex. o mesmo Poema (Canto 2.º Est. 35)

*Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabarão.*

3.^o Entre muitas cousas concomitantes da mesma ordem, diminuindo de proposito algumas, para da sua inferioridade se conjecturar a superioridade das outras: Ex. o mesmo Poema (Cant. 2;º Est; 43.)

*Que eu vos prometo, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos, e Romanos
Pelos illustres feitos que esta gente
Hade fazer nas partes do Oriente.*

4.^o Engrandecendo a dificuldade de uma acção, para della se deduzir a força de seos agentes: Ex: (*Lusiadas* Cant. 6.º Est. 60)

*Não são vistos do Sol ao Tejo ao Buctro,
De força, esforço, e de animo tão forte:
Outros doze sahir como os Inglezes*

No campo contra os onze Portuguezes.

5. ° Exagerando a importancia e custo dos meios, para se deduzir a do fim: Le-se um exemplo em Homero amplificando a belleza de Hêlêna « *Como é bella! Não deve causar admiração, que dous Imperios se armassem um contra o outro por seu respeito.* »

6. ° Engrandecendo o instrumento, para se formar conceito de grandesa de quem o traz, ou emprega: Tal é o Exemplo de Virgilio (Eneida Liv. 3. ° vers. 659)

« *Trunca manum pinus regit, et vistigia firmat* »

*Rege-lhe a mão e os passos seus lhe firma
De esgalhado pinheiro a hastea extensissima.*

A Amplificação por *congeries* forma-se accumulando varias palavras, ou orações synonymas, não ao acaso, mas com tal ou qual ordem: Exemplo de Vieira [Serm. Part. 1.ª Colum. 487] « *Mas que um cêpo haja de ter a fortuna de cêpo, e vá em achas para o fogo; e que outro cêpo tão madeiro, tão tronco, tão informe, tão cêpo, como o outro, o haveis de fazer a forga homem, e lhe haveis de dar authoridade, respeito, adoração, Divindade.* » Nesta especie de Amplificação, os synonymos muitas vezes vão subindo em forga: como no citado Vieira [Serm. Parte 8.ª Pag. 5.] « *Seo zelo pedia mais perigos, mais naufragios, mais dores, mais martyrios, mais mortes.* »

A Amplificação por comparação é aquella, em que o Orador, subindo fóra do objecto, o confronta com outro de ordem inferior, ou igual, ou superior. D'aquí resultão tres especies de Amplificação, de Menor para Maior, de Igual para Igual, de Maior para Menor. Exemplo da primeira [Vieira Serm. Part. 3.ª Pag. 90] « *Se todas as vezes que se embarcavão n'aquelle lago não se levantava nelle mais um sôpro de vento, que o vosso coração não fluctuasse nas mesmas ondas; como o podereis ter seguro, nem quieto, quando os virdes engolfados na quelle mar immenso sempre turbulento, onde tantos fizerão naufragios?* »

Na Amplificação de Igual para Igual, o Orador parecendo propor um pensamento igual, com elle se esforça pa-

Pa fazer sobresahir aquelle que pretende amplificar: como se lê em Fr. Heitor Pinto (Imag. da Vid. Christ. Part, 2.^ª Dial. 1.^º Cap. 3.^º) « Dormindo Sansão no regaço de Dalida, lhe cortarão sete guedelhas de cabellos: com que ficou privado da sua força e foi preso dos Philisteos: assim dormindo nós com o pesado somno do descuido no regaço da falsa confiança, perdemos os sete dons do Espirito Santo, e ficamos fracos, e rendidos a nossos depravados appetites.

Finalmente a Amplificação de Maior para Menor, faz-se tomando um pensamento grande e maior do que o que se intenta amplificar, levando ao mais alto ponto, e mostrando a final que ainda assim é inferior ao que se pretende amplificar. Ex. dos Lusíadas [Cant. 4.^º Est. 53]

*Côdro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, porque a Patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida:
Este porque a Hespanha não temesse
A captivoiro eterno se convida
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.*

CAPITULO VIGESIMO SEGUNDO.

Dos conceitos agudos ou Sentenciosos.

A *Sentença*, considerada como grão do Ornato, é um Conceito agudo, ou um pensamento delicado, que em poucas palavras encerra um sentido profundo. Divide-se em tres generos:—*Gnomas*—*Entymemas*—e *Epiphonemas*. *Gnomas* são maximas geraes, sobre assumpto moral, enunciadas em poucas palavras.

O *Entymema*, é uma Sentença formada de ideias oppositas, que sobresahem na Elocução pela agudeza; e concisão da expressão, e pelo brilho, que resulta do contraste das ideias recalhindo sempre sobre cousa provada. Tal é na 1.^ª Carta do Bispo D. Jeronimo Ozorio á el-Rei D. Sebastião a seguinte passagem.—« Entre pressa e diligencia ha grande

diferença; porque a diligencia não perde occasião, e a pressa não espera por ella.»

O *Epiphonema* é uma Sentença, com que se exclama no fim de uma Narração, ou de uma Prova; isto é, uma reflexão fina e delicada em forma de exclamação sobre um facto, que se acaba de narrar, ou de provar, e que vem a ser como o resultado de tudo quanto se tem dito; é tanto mais bello quanto mais curto e agudo for. Ex. dos *Lusiádas* [Canto 13.º Dist. 33]

Tanta veneração aos pais se deve!

As regras para o uso das Sentenças são— 1.º Não se deve desprezar inteiramente o emprego das Sentenças, quando o Orador vir que ellas podem ser uteis ao assumpto ou para mover os ouvidos, ou para se fazer recommendavel na sua opinião. —2.º Não deverá todavia fazer um uso frequente das mesmas, porque essa multidão trancará a marcha da elocução; e de necessidade fara apparecer no discurso muitas pueris, frias, e ineptas. 3.º Não devem ser claramente falsas. 4.º Não se devem applicar indiscretamente fora do devido tempo, logar, e assumpto. 5.º Não devem ser proferidas, se não por pessoas que tenham adquirido a devida autoridade, por seu estudo, idade, e experiencia.

CAPITULO VIGESIMO TERCEIRO.

Do Adorno Oratorio.

O *Adorno oratorio* consiste no accommodado emprego dos *Tropos*, e *Figuras* da Elocução. *Tropo* que vem do Grego *Trope* (volta) significa rigorosamente em Eloquencia mudança de uma palavra, ou oração, da sua significação propria para outra; Convem advertir: 1.º Que a significação propria é a significação natural, ou primitiva, donde as outras se derivão 2.º Que a mudança em que consiste o *Tropo* não é arbitraria, mas deve ter seu fundamento na natureza, o qual consiste na relação natural, que o objecto, do qual se tira o vocabulo, tem com o outro para quem o mesmo se transfere: estas relações são—*Similhan-*

ga,—Contrariedade,—Compreensão, ordem dos seres ou co-existentes ou successivos.

Os Tropos se reduzem a tres classes 1.ª Tropos que servem para mais vivamente significar e ornar, como são *Metaphora, Allegoria, Ironia, Metonymia, Metalépse, Antonomasia, Onomatopéa, e Hyperbole.* 2.ª Tropos, que servem somente para significar com mais viveza, como são *Synedoché, e Epitheto.* 3.ª Tropos que servem somente para ornar, como são *Periphrase, e Hyperbaton.*

CAPITULO VIGESIMO QUARTO.

Da Metaphora.

Metaphora é a mudança de um nome, ou de um verbo de sua significação propria para outra. Este Troppo tem seu fundamento na Relação da *Similhança*: v. g. *Folha* que propriamente significa uma parte da arvore, é metaphoricamente uma parte do livro, pela *Similhança* que ha entre os dous objectos.

Por quatro razoes podemos servir deste Troppo: 1.ª Por *necessidade*, isto é, por faltar palavras proprias, então tem o nome de *Catachrese*: 2.ª *Para maior expressão do pensamento*; como quando dizemos *um homem aceso em ira, inflamado da paixão etc.*

3.ª *Por decencia* quando queremos significar ideas pouco honestas: 4.ª *Para maior ornato e belleza*: v. g. *Explendor do nascimento, torrente de eloquencia, etc.*

Quatro são as especies de *Metaphoras*: 1.ª Em que ha mudança do *animado por animado*: ex. Cam. Cant. 9 Est. 70.

*Pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
Se deixão ir dos galgos alcançando*

2.ª Em que se muda o *inanimado por inanimado*: ex. de Diniz (Ode a D. Vasco da Gama 1.ª)

*E do campo salgado
Com cem remos varrenão immensa parte.*

Em que se emprega o *inanimado pelo animado*: ex Souza (Vida do Arcebispo Liv. 2.º Cap. 30) Conversado era tudo *brandura* Achavão nelle grandes letras e sciencia sem *inchação*.

4.º Em que se põe o *animado pelo inanimado*: (Vieira Serm. par. 4.º col. 285) « Quantos na tempestade bradando ao Ceo forão *comidos* das ondas?

As Metaphoras podem degenerar em vícios: Por *excesso*, sendo muito frequentes, continuadas, muitas da mesma especie, desproporcionadas ao seu objecto ou por mais ou por menos: Por *ma' escolha*, sendo baixas, sordidas, ou meramente poeticas: Por *dissimilhança*, sendo inteiramente dissimilhanças, violentas, por serem tiradas de uma similhaça distante, ou vaga.

He de notar-se que a Mataphora é uma similhaça exposta em forma compendiosa, em que calando-se o primeiro objecto se substitue em seu lugar a sua imagem.

CAPITULO VIGESIMO QUINTO.

Da Allegoria.

Allegoria e uma Metaphora continuada, em que a interpretação do sentido tropologico não é directamente indicada, mas se deixa nelle alguma cousa à penetração dos ouvintes ou leitores. Ha duas especies de Allegoria, a *total* quando todas as palavras são Metaphoricas; e a *mixta*, na qual com as palavras metaphoricas que compoem a sua totalidade, se misturão outras tomadas em sentido proprio para explicar as primeiras; ex. da Allegoria total (Cam. Cat. 7.º Est. 78)

. Mas o' cego
 Eu, que commetto insano, e temerario,
 Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo e vario!
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar com vento tão contrario,
 Que se não me ajudades, hei grande medo,
 Que o meu fraco baste se atago cedo,

Ex. da Alegoria mixta (Freire Vida de Castro Liv. 2.º)
 Esta arvore do *Estado* de cujas ramas pendem tantos trofeos ganhados no Oriente, tem as raizes apartadas do tronco por infinitas legoas, convem que a sustentemos arrimada na paz de uns, e no respeito de outros.

CAPITULO VIGESIMO SEXTO.

Da Ironia.

Ironia é um Tropo, em que se usa de uma expressão contraria ao pensamento; por cuja razão alguns Rhetoricos lhe chamão *Irrisào*: tem seu fundamento na relação da contrariedade entre dous objectos. Conhece-se pelo tom, com que se falla, ou pelo character da pessoa, ou pela natureza da cousa de quem se falla: Com este Tropo em vez de elogio, se faz uma *satyra*, e vice versa.

Quando a *Ironia* é acompanhada de riso insultante, contra uma pessoa infeliz, que se não pode vingar, chama-se *Sarcasmo*. Quando indica cousas funestas vulgarmente denominadas de máo agouro por suas contrarias chama-se *Antiphrase*. Quando por meio de expressões macias, mais agradaveis se adoção as expressões duras, desagradaveis ou pouco honestas, chama-se *Euphenismo* ex. da *Ironia* (Cant. Cant. 7.º Est. 82)

*Que exemplos a futuros escriptores
 Para espertar engenhos curiosos.
 Para pôrem as cousas em memoria
 Que merecem ter eterna gloria!*

Ex. do Sarcasmo, Virg. [Eneida Liv. X I I. ver. 350]
 Bm agros etc. cuja tradição he,

*Eis, Troiano; medindo estás co' os membros
 Campos, e Hesperia, a que aspiraste armado:
 Tu es premios leva quem ousou tentar-te.
 Co' o ferro em punho, tu es muralhas ergue.*

Ex. da Antiphrase é a expressão de el-Rei D. João 2.º

quando denominou o *Cabo das Tormentas Cabo da Boa Esperança*.

Ex. do *Euphenismo* é a frase, com que vulgarmente dizemos de um homem, que morreo, que passou a melhor vida, ou o de Cam. (Cant. 4.º Est. 60)

Porem depois que a escura noite eterna
Alfonso aposentou no Ceo sereno

CAPITULO VIGESIMO SETIMO.

Da Metonymia.

Metonymia é o Troço, que no discurso emprega o nome de um objecto por outro, tendo por fundamento a *mutua conexão, ou ordem* dos successivos ou coexistentes.

Ha cinco especies de *Metonymia*: 1.º o nome da *Causa pelo Efeito* como Cam. *Lusiadas* (Cant. 7.º Est. 76)

« Com o fogo o *diabolico instrumento*
Se faz ouvir no fundo la dos mares:

Nesta mesma especie entra o que emprega o nome do *Efeito pelo de sua Causa*. Cam. (Cant. 9.º Est. 7.º)

« Diz-lhe que vem de gente carregadas
E dos trovões horrendo de vulcano.

2.º O nome do signal pela da cousa significada Cam. (Cant. 14 Est. 116)

« Este milagre fez tamanho espanto
Que o Rei se banha logo na agua santa.

3.º O nome do Inventor pelo do seu Invento, Cam. (Cant. 7.º Est. 75.)

« Dos espumantes vasos se derrama
O licor que Noé mostrara a gente.

4.º O nome do Possuidor pela cousa possuida. Diniz (Pyndar. Ode 1.º Epod. 4.º)

« Como da furia do valente braço
Neptuno proceloso
 Todo tremeo medroso.

Ou o nome da Cosa possuida pelo do Possuidor. Freire (Vida de Castro Liv. 2. °) Em Diu não descançavão as armas.

O nome do *Continte* pelo do *Conteudo*, ou Vice versa. O Ex. da primeira: (Vieira Sermão Part. 1. ° Col. 393) Teve huma pendencia com certo poderoso, diz a historia, que contra *huma rua de espadas* etc. Da segunda Cam. [Eglog. 6. °]

« Vós Nereidas do *Sal*, em que navego.

CAPITULO VIGESIMO OITAVO.

Da Metalepse

Metalepse é o Tropo em que se faz uso do nome dos *Consequentes* pelo dos *Antecedentes*, e vice versa: tendo seu fundamento na relação de ordem, que se dá entre uma coisa, que precede, e a que immediatamente se lhe segue Ex. Virg. (Eclog. 2. ° Vers. 66)

« *Aspice etc.*
Ve como ja os novilhos, do seu jugo
Suspensos, para casa o arado vclvem.

CAPITULO TRIGESIMO NONO.

Da Antonomasia

Antonomasia é o Tropo, em que ao nome proprio de um individuo, se substitue outro, que o caracteriza tendo por fundamento a relação do individuo com seus accessorios. Ha tres especies 1. ° em que se troca o nome proprio pelo *patronimico*, isto é, derivado dos pais, cu avós Ex. Cam. [Cant. 4. ° Est. 16] Onde o nome de Afonso e tomado pelo o de Henrique seu Pai.

« Como ? não sois vós inda os descendentes
Daquelle que debaixo da bandeira
Do grande *Henriques*, féros, e valente.

2.º Em que se troca o nome proprio pelo das *qualidades características*, e individuaes, ou do espirito ou do corpo:
ex. Cam. (Cant. 8, 1.º Est. 5.º)

« Ullisses he quem fez a santa casa
A' Deosa, que lhe dá lingua *facunda*.

3.º Em que se troca o nome proprio pelas expressões que designão as acções assignaladas, e distinctas de qualquer:
ex. Cam (Cant. 5.º Est. 44)

« Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança.

CAPITULO TRIGESIMO.

Da Onomatopéa

Onomatopéu consiste no emprego de uma palavra ou frase, com que se imita o som natural do objecto, que ella significa. Taes são os vocabulos, *cacarejar*, *mugir*, *sibilar*, *miar*. etc podem se ver exemplos em Cam. [Cant. 1.º Est. 89. Cant. 2.º Est. 27 Cant. 5.º Est. 59

CAPITULO TRIGESIMO PRIMEIRO.

Da Hyperbole.

Hyperbole é um Tropo em que se engrandece ou in-
orta um objecto fóra de suas proporções naturaes. Ha cinco especies. 1.º *Historica*, a que se faz com palavras proprias, e não translatas. ex. Sá de Miranda [Carta 5.º Est. 56]

« Diz S. Paulo, homens errados,
Se os odios entre vós crescem
Comer-vos-heis aos bocados.

2.ª A em que se emprega alguma *Comparação*, ou *Similhança*: Ex. Barros (Década 6.ª Liv. 2.ª Cap. 16) « Era o desembarcadouro de maneira, que os que houvessem de desembarcar naquelle porto, haviam de pôr as barrigas nas bocas das bombardas. »

3.ª A que se faz por *Metonymia*, ou certos signaes; Cam. (Cant. 6. Est. 80)

« Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao Geo subia.

4.ª A em que se usa de *Metaphora*; Cam. (Cant. 10 Est. 62)

. Cujo zelo
Com medo o Roxo mar fará amarello.

5.ª A em que se accumula humas *Hyperboles* sobre outras. Cant. Cam. (Cant. 3.ª Est. 108)

*Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, e estranha
O grão rei de Marrocos conduzio
Para vir possuir a nobre Hespanha
Perder tamanho junto não se vio,
Depois o salso mar a terra banha
Trasem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos fuz espanto.*

As regras para o uso das *Hyperboles* são: 1.ª Não serem muito frequentes. 2.ª Não se devem usar dellas senão para descrever objectos extraordinarios, assombrosos, ou novos: 3.ª As *Hyperboles*, ainda que passão os limites da verdade, não devem exceder os de uma justa moderação.

CAPITULO TRIGESIMO SEGUNDO.

Da Synédoche.

Synédoche é o Tropo em que se faz conceber no espirito de quem ouve ou lê mais ou menos, do que o sentido proprio da palavra, ou frase de que nos servimos; tendo por fun-

damento a relação de *comprehensão*, que se dá entre o objecto designado, e o outro que o comprehende, ou que é comprehendido. Ha sete especies.

1.ª Quando se substitue o *todo* pela *parte*, ou a *parte* pelo *todo*.

2.ª O *Plural* pelo *Singular*, e *vice versa*.

3.ª O *Genero* pela *Especie*, ou *Especie* pelo *Genero*.

4.ª O *Sujeito* pelo *Atributo*, e *vice versa*.

5.ª O *Determinado* pelo *Indeterminado*, e *vice versa*.

6.ª A *Materia* pela *Forma* ou a *Forma* pela *Materia*.

7.ª O *Abstracto* pelo *concreto*, e *vice versa*.

Ex. do *Todo* pela *Parte*. Cam. (Cant. 5.º Est. 24)

Salta no bordo alvoraçada a gente
Com olhos no *horisonte* do Oriente.

Das outras especies se podem ver Exemplos em Cam. Cant. 3.º Est. 45.—Vieira Serm. Tom 1.º Col. 498 —Ferreira Liv. 2.º Cart. 8.º —Caldas Tom. 2.º Cantat. 1.º —Diniz Ode 20 Epod. 4.º —Cam. Cant. 5.º Est. 98.—O mesmo Cant. 10 Est. 85—Diniz Ode 26 Antistroph. 1.º —Cam. Cant. 10 Est. 128—Diniz Ode 29 Estroph. 6.º —Caldas Tom. 2.º Ode 3.º Estroph. 3.º —Cam. Cant. 6.º Est. 65—Caldas Tom. 2.º Ode 3.º Estroph. 1.º

CAPITULO TRIGESIMO TERCEIRO.

Do *Epitheto Oratorio*.

Epitheto oratorio é um Tropo, que ajuntando ao nome de qualquer objecto uma idea accessoria de outro, o modifica, já ornando, já communicando mais energia.

Os *Epithetos oratorics* servem para dar maior força, e ornato ao discurso, o que conseguirão ou enchendo a fantasia de imagens vivas, e animadas, ou apresentando ao entendimento noções grandes e luminosas, ou produzindo movimentos no coração.

O Ornato e a energia, que elles dão ao discurso, nassem principalmente das *Metapheras*, e em segundo logar das *Metonymias*: depois destas das *Ironias*, *Synédoches*, e *Hyper*

boles, sendo os derivados das Hyperboles de grande ornato ao discurso: Ex. do Epitheto metaphorico (Freire Vida de Castro Liv. 1.º) Passou os primeiros annos *cultivados* nas letras e virtudes. Do metonymico: [Cam. Cant. 3.º Est. 83]

A *pallida* doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

Do Ironico: (Hysope Cant. 7.º Vers. 159.)

Tu tambem, grosso Silva, *lustre e gloria*
Da tua patria, antiga Torres—Vedras.

Do Synedóchico: [Cam. Cant. 8.º Est. 41]

E como a seu contrario natural,
A' pintura, que *falla*, querem mal.

Do Hiperbolico (Cam. Cant. 2.º Est. 36.)

Os crespos fios de ouro se esparsão
Pelo cóllo, que a *neve escurecia*.

CAPITULO TRIGESIMO QUARTO.

Da Periphrase.

Periphrase é o Tropo, em que se exprime por muitos vocabulos huma cousa, que se podia dizer por hum só ou poucos. Se usa da *Periphrase*, ou por *necessidade* para encobrir ideias obscenas, sordidas, tristes, duras. etc. Ou por *utilidade* para promover deleite, força, e ornato ao discurso; fora destes motivos toda a *Periphrase* será viciosa, e será huma verdadeira *Perissologia*: Ex. de huma *Periphrase*. Cam [Cant. 2.º Est. 37.]

Com delgado sendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo.



CAPITULO TRIGESIMO QUINTO.

Da Hyperbaton.

Hyperbaton é o Tropo, por meio do qual uma palavra se muda de seu proprio logar para outro, ou por causa de melhor harmonia, ou por causa de maior elegancia. Ex. Diniz Ode 30 Estrophe 6. ^o

E a que os olhos me cerca, *triste treva*.

A *Hyperbaton*, que produz confusão, e ambiguidade, e não ornato ao discurso, é vicio, da Elocução denominado *Synchyse* como é a passagem de Cam. (Cant. 3. ^o Est. 94)

. que em terno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

CAPITULO TRIGESIMO SEXTO.

Das Figuras Oratorias.

Figura em Eloquencia é uma forma de expressão com que o Orador por meio de suas palavras, e tom de sua voz, acrescenta á enunciação logica do pensamento ideas accessorias, que o revestem de belleza, e o tornão mais vivo, interessante, pathetico ou agradável. Ha duas especies— 1. ^o *Figuras de pensamento* que são aquellas que não dependem do material, mas sim do racional da expressão.—2. ^o *Figuras de palavra*, que consistem todas do som material, ou disposição local dos vocabulos. As Figuras de pensamento subdividem-se em Figuras.—1. ^o para convencer;—2. ^o para mover;—3. ^o para deleitar.

CAPITULO TRIGESIMO SETIMO.

Das Figuras de pensamentos para convencer.

Reduzem-se a oito as Figuras de pensamentos para convencer, são— *Interrogação*,—*Resposta*,—*Pretirição*,—*Prolep-*

se,—Perplexidade,—Communição,—Suspensão, e—Permissão.

Interrogação é aquella que se faz não para saber alguma coisa, mas para intimar mais o que se diz. Ex. Vieira (Serm. Part. 1.^o Col. 543) *E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o hade restituir? Quem hade restituir o dinheiro, a quem gastr o dinheiro, que não tem?*

Resposta é a Figura, em que perguntado alguém por uma coisa, responde outra, por que lhe é mais útil: v. g. Quando uma testemunha perguntada, *Se tal sujeito foi suscitado pelo réo?* responde ella *e innocente*: ou perguntado ao réo, *Maiuste este homem?* responde elle, *um ladrão*. Ha duas especies—1.^o Em que o Orador pergunta a si mesmo, e passa logo a responder:—2.^o Em que o Orador faz a pergunta a outra pessoa, e sem esperar pela resposta, a ajunta immediatamente.

Preterição é a Figura, em que o Orador, prevenindo que não quer fallar cousa alguma, não obstante a vai dizendo. Ex. D. Jeronimo Ozorio [Carta 1.^o a el Rei D. Sebastião sobre a Jornada de Africa.] *Não falo dos juroz, que fidalgos tem vendido, nas joias empenhadas, nas lagrimas das mulheres, na pobreza da Gente nobre, na miseria dos que pouco podem. Gaste-se tudo, e consuma-se, mas seja em tempo que aprocite*.

Prolepse é a Figura, por meio da qual o Orador previne alguma objecção que se lhe pode fazer—Ex. Vieira (Serm. Part. 1.^o Col. 547) *Dir-me-heis que não ha com que despachar, com que premiar a tantos: For essa escusa esperava. Ells dizem, que ha para quem quereis, e não ha para quem não quereis. Eu não digo isso.*

Perplexidade é a Figura, em que o Orador se finge duvidoso, sem saber donde hade começar, e onde acabar, o que deve dizer ou não, e assim pondo em agitação o espirito do seu auditorio por meio de suppostas duvidas, excita a attenção: v. g. Cic. (pro Cluentio § 4.^o) *Et quidem etc. Certo, quanto a mim, não sei para onde me volte. A caso negarei a existencia da quella infamia de um julgamento peitado...*

Communição, é a Figura por meio da qual o Orador,

fingindo seos embarços, deliberações, e conselhos communs com outras pessoas, consulta com ellas como se hade haver naquelle caso. Ex. Vieira (Serm. Tom. 4.º Pag. 81) *Que dizeis pois nestes dous casos? Tendes por mais difficultoso o amor dos inimigos, ou odio dos amigos? Amar aos que vos aborrecem, ou aborrecer aos que vos amão.?*

Suspensão é a Figura, por meio da qual o Orador, tendo por algum tempo suspensos os seos ouvintes, na esperança de uma cousa maior, lhe traz uma menor, ou vice versa: Ex. O Exordio da Oração de Cicero *pro Ligario*, onde por uma Ironia admiravel, fazendo esperar um crime novo, e inaudito: conclue dizendo que esse crime era o ter estado Q. Ligario na Africa.

Permissão é a Figura em que o Orador deixa ao arbitrio de seos ouvintes alguma cousa, para elles mesmos a decidirem. Ex. Vieira (Serm. Tom. 4.º Pag. 70) *Antes de resolver a questão, desputemo-la primeiro, e ouvi com attenção o que allegar por uma e outra parte por que vós haveis de ser juizes.*

CAPITULO TRIGESIMO OITAVO.

Figuras de pensamento para mover.

As principaes Figuras de pensamento para mover são *Exclamação*.—*Parrhesia*,—*Prosopopeia*,—*Apostrophe*,—*Hypothese*,—*Aposiopése*,—e *Ethopeia*.

Exclamação é a Figura, que serve para exprimir os transportes vivos de qualquer paixão violenta: Caracterisção este genero de Figuras uma expressão interrompida, e interjectiva, curta, e truncada, um tom de voz vivo, como o grito de uma alma que se desabafa. v. g. Cam. [Cant. 1.º Est. 105]

Oh. grandes e gravissimos perigos!
Oh. caminho de vida nunca certo!

Parrhesia é a Figura pela qual fingindo o Orador fallar livremente, e mais do que parece é permittido, chega a um fim, a onde não parecia dirigir se, como por exemplo, quando debaixo de uma reprehensão amarga occulta um louvor fino. Tal é a Oração de Cicero (*pro Ligario* § 7.) Onde Ci-

cero uzando desta Figura, mostra que o crime de seo cliente era muito menor, do que o comettido por elle mesmo Cicerone que obteve todavia d'elle perdão, não obstante ser maior. *Suscepto bello etc. Emprehendida a guerra, o Cesar, até ja feita em grande parte sem que fosse violentado por pessoa alguma, e sò por minha propria deliberação e vontade, marchei a unir-me àquelles exercitos, que se achavão armados contra ti:*

Prosopopeia é a Figura com que o Orador introduz ficticiamente a fallar pessoas, ou seres a quem não competem sentimentos, vida, e racionabilidade. — Ha tres especies, — 1. ^o *Dialogismo*, introdução ficticia de pessoas a fallar com sigio mesmas, com o Orador, ou umas com outras. — 2. ^o *Idotopeia* introdução de fallas do verdadeiro Deos, ou falsas, divindades, ou pessoas falecidas, invocadas do tumulo. — 3. ^o *Prosopopeia propriamente dita*, introdução de seres insensíveis fisicos, ou moraes, a fallar e escutar: Ex: de huma destas Prosopopeias Cam. (Cant. 4. ^o Est. 92)

*Os montes de mais perto respondião,
Quasi movidos de alta piedade.*

Apostrophe é a Figura em que o Orador aparta o Discorso da pessoa, a quem elle he naturalmente dirigido, para fallar com outras, ou presentes, ou ausentes, ou mortas, ou seres insensíveis: Ex. [Cic. pro Ligario § 9] *Quid enim Tubero etc. Que fasia pois, o Tubero, aquella tua espada desembainhada na batalha de Pharsalia?*

Hypothese, é a Figura em que se pinta qualquer objecto vivamente que mais parece ver-se, do que ouvir-se ou ler-se. Não differe esta figura da segunda especie de Enargueias: Ex. (Cam. Cant. 2. ^o Est. 27.)

*Assim como em selvatica alagoa
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa
Estando fóra da agoa incautamente,
Doqui e dalli saltando o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo ao couto que conhecem,
Sòs as cabeças na agoa lhe aparecem.*

Aposiopése, ou *Reticencia*, é a Figura que rompe a oração, deixando-a incompleta. v. g. Cam. [Cant. 2.º Est. 44.]

*Que pois eu fui Enisto de mimosa.
O rosto banha em lagrimas ardentes.*

Ethopeia é humia Figura que serve para retractar os costumes de qualquer pessoa, e por isso frequentes vezes se dirige a mover affectos brandos. Ha duas especies — *Character*, que pinta os costumes, paixões, sentimentos do homem em geral. — *Retrato*, quando os pinta individualmente e em particular, é perfeitissimamente acabada a pintura que o Poeta Hyssope faz do Padre jubilado Capucho.

*O Padre Mestre, vendo-se obrigado
A recontar de Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende,
Em ambas sopesado o leva á penca,
Com estrondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida humia pitada,
O habito saccode, aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casôla,
E de papo ao Deão assim responde.*

CAPITULO TRIGESIMO NONO.

Figuras de pensamento para deleitar.

Ha duas Figuras de pensamento para deleitar. — *Correção*, — e *Anamnesis*. — Na primeira o Orador mostra arrependerse do que tem dito. Ex: Cicero Orat. Verrina 3.º § 43 *Imprudens* etc. — Cahi aqui imprudentemente, ó Juizes, pois elle comprou, e não furtou: Eu queriria nao ter dito isto. Na segunda O Orador finge lembrar-se de repente de alguma cousa: Ex: Vieira [Serm. Part. 8.º Pag. 216] — *Agora me lembrou humia notavel circumstancia da historia de Malaca, quando havia de partir a Armada contra os Achens . . .*

CAPITULO QUADRAGESIMO.

Figuras de Palavras.

As Figuras de Palavras se faz—1. ° Por acrescentamento de Palavras— 2. ° Por diminuição—3. ° Por consonancia, symetria, e contraposição.

Por acrescentamento são—*Reduplicação*—*Separação*—*Anaphora*—*Epistrophe*—*Simproce*—*Anaphora alternada*—*Ploce*—*Epanalepse*—*Epanados*—*Polyploton*—*Anadiplosis*—*Exergasia*—*Polysyndeton*—e *Climax*.

Reduplicação é a Figura que repete seguidamente a mesma palavra. Ex: Cam. (Cant. 2. ° Est. 61.)

« Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
« Dizendo; *Fogé, fogé*, Luzitano;

Separação ou *Didcope* faz repetir a mesma palavra, mas com outras de per meio Ex: Cam. [Cant. 2. ° Est. 65.]

Dai veillas, *dai* ao largo vento.

Anaphora repete as mesmas palavras no principio de muitas orações: Ex: (Vieira Serm. Part. 1. ° Col. 646.)—*Divertia-os* a ambigão, *divertia-os* o interesse, *divertia-os* a soberba, *divertia-os* a authoridade.

Epistrophe repete a mesma palavra no fim de muitas orações: Ex: (Heitor Pinto Imag. da vida Christ. Part. 2. ° Dialog. 1. ° Cap. 24.)—Gastos *largos*, esperanças do mundo *largas*, vaidades *largas*, consciencias *largas* com apertos, e estreitezas se hão de castigar.

Simproce repete a mesma palavra no principio e no fim de muitas orações. Ex. (Vieira Serm. Part. 1. ° Col. 633)

Andais buscando a honra com olhos de lynce; e sendo que para a verdadeira honra não ha mais que uma porta [que é a virtude] *ninguem atina com a porta* *Andais vos* desvelando pela riqueza com mais olhos que um Argos, e sendo que a porta da riqueza não é acrescentar fazenda, senão diminuir cubiga, *ninguem atina com a porta*. *Addais-*

vos matando por achar boa vida, e sendo que a porta direita, por onde se entra á boa vida, é fazer boa vida, *ninguem atina com a porta.*

Anphora alternada consiste na repitição revesada das principaes palavras de diferentes orações correspondendo umas as outras. Ex. Cic. [pro Murena § 22] Onde o Orador faz o paralelo do General Murena, com o Jurista Sulpicio. *Tu vigias de noite para poderes dar resposta aos que te consultão; elle para chegar mais a tempo com o seu exercito ao logar onde deve conduzi lo: a ti o cantar dos gallos; a elle acordão-no os sons das trombetas: tu poens uma acção em juizo; elle ordena um exercito em batalha; tu acautellas as tuas partes para que não sejam pilhadas, elle toma as medidas para que as Cidades não sejam sorprendidas.*

Ploce e quando esta mesma correspondencia se dá nas palavras do meio de uma frase, com as do principio, ou com as do fim: Ex. (Paiva de Andrade Serm. Part. 2.ª Pag. 396) Engana-se quem busca *honra*, entre gente sem *honra*.

Epanalepse é a Figura em que a mesma palavra se repete ja no meio de duas ou mais frases, já no principio, e fim d'ellas. Ex. (Vieira Serm. Part. 1.ª Col. 644) Não vemos as cousas, que vemos, por que não olhamos para ellas vemos-as sem advertencia e sem attenção; e a mesma desattenção he a cegueira da vista. Diverte-nos a *attenção* os pensamentos; suspende-nos a *attenção* os cuidados; prende-nos a *attenção* os desejos; roubão nos a *attenção* os affectos.

Epanados repete dividindo as palavras que primeiramente disse juntas ou no mesmo, ou em diverso sentido: Ex. O Epigramma de Ausónio a cerca de Dido.

*Infelix Dido, nulli bene nupta marito:
Hoc pereunte, fugis; hoc fugiente; peris.
Dido, nas vôdas triste fado corres;
Morre-te um, foges; foge-te outro, morres*

Polyptoton repete as mesma palavras, variando os casos, e generos: Ex. (Cam. Cant. 9.ª Est. 76)

Que mais caro, que as outras dar queria
O que deo para dar-se, a natureza.

Anadiplosis, é quando a ultima palavra de uma Oração se repete no principio da seguinte (Cam. Cant. 1.º Est. 59)

O Regedor das ilhas que *partia*
Partia alegremente navegando.

Exergasia, ou *Synonymya* é quando se repisão as mesmas ideas por differentes palavras, ou frases synonymas. Ex. Sousa (Vida do Arcebispo Liv. 2.º Cap. 12) Era *fogo*, era *raio*, era *corisco* assi *âbrasavão*, assi *ferião*, assi *penetravão* suas palavras.

Polysyndeton emprega muitas conjunções ou repete as mesmas. Ferreira Elegia 3.º

Suspira, e chora, e cança, e geme, e sua.

Climax repete o que já está dito; mas antes de passar a outro grão para no antecedente: Ex: Cic: (pro Sext. Rosc. Americano. § 75) *In urbe etc.*

Nas cidades tem a sua origem o luxo: do luxo é consequencia necessaria a avaresa: da avaresa rompe com impeto a audacia: a audacia é a mãe de todos os crimes atrozes e maldades.

CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO.

Figuras por diminuição de palavras.

As Figuras por diminuição de palavras, são aquellas que por meio da subtracção de algumas palavras, dão mais concisão, e novidade ao discurso; suas especies são *Elipse*, *Assyndeton*, e *Zeugma*.

Elipse ou *Synédoche* subtrahе algumas palavras a oração, que pelo contexto facilmente se entendem v. g. *a Deos, até logo, bons dias etc.*

Assyndeton tira a oração todas as conjugções Cam. (Cant. 10 Est. 57)

*Abrolhos, ferros mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo ficou que rompas, e sobmetas.*

Zeugma faz que um só verbo reja muitas orações [Vieira Serm. Tom. 4. Pag. 211]

A materia era dos lenhos mais preciosos, as columnas de prata, o tronco de ouro, as almofadas de purpura.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEGUNDO.

Figuras por consonancia, symetria e contraposição de palavras.

Por consonancia são *-Paronomasia, -e Antanaclásis*. Consiste a primeira no emprego de duas palavras quasi do mesmo som, mas com diferentes ideas. Ex. Vieira (Serm. Part. 4. 2.º Pag. 421) As *Magnetes* atrahem o ferro, e os *Magnates* o ouro. *Antanaclasis* consiste no uzo de vocabulos, que levemente alterados significão cousas diversas. Ex. (O mesmo Pag. 82) E que entendimento, ou vontade ha tão recta, que não torça de parecer por apparecer?

Nota » Não deve ser frequente o uso destas Figuras, porque consistindo em verdadeiros trocadilhos de palavras, denota espirito pueril, e occupado em bagatellas.

Per *Symetria*—são—*Parison*—*Omeoteleuton*—*Omeoptoton* e *Isocolon*. *Parison* consiste no emprego de orações que principião ou acabão por palavras toantes. v. g. *Féras, licenças, bellzas etc.* *Omeoteleuton* e aquella em que os membros acabão pelos mesmos consoantes. v. g. Fr. Heitor Pinto. (Imag. da vida Christ. Part. 4. 2.º Dial. 6.º Cap. 4.º) — Aquellas pernas que caminhos *andarião*? aquellas caveiras que imaginação *terião*? que castellos de vento não *jarião*?

Omeoptoton é aquella na qual em diferentes orações os nomes estão nos mesmos casos, e os verbos nos mesmos tempos. v. g. Vieira [Serm. Part. 4. 2.º pag. 251.]—Não aquella graça, que *deleita*, e *suspende* os entendimentos; senão aquella graça, que *abrandá*, que *rende*, que *fere*, que *inflama* os corações.

Isocolon consiste na igualdade de membros da frase, por serem compostos de quasi o mesmo numero de letras: Ex: Vieira [Serm Part 4 2.º Pag. 260.]—*Leva Abraham o seo filho Isaac ao monte, ata-o sobre a lenha do sacrificio, tira*

pela espada para lhe cortar a cabeça, manda-lhe Deos suspender o golpe.

Por contraposição de palavras são—*Antithese*, —e *Antimetabole*.

Antithese é a Figura em que na frase se contrapoem dous objectos. v. g. Vieira [Serm. Part. 4.ª Pag. 492.] *Vierão gentios, e tornarão feis; vierão idolatras, e tornarão Christãos.*

Antimetabole, é a mesma *Antithese*, junta com a Figura *Poliptoton*, isto é, variando-se as palavras em seus diferentes casos e generos. Tal é a Sentença de Sócrates, —*Não vivo para comer, mas como para viver.*

CAPITULO QUADRAGESIMO TERCEIRO.

Para uzo dos Tropos e Figuras.

Os Tropos e Figuras não devem ser as unicas bellezas da Eloquencia; passagens ha muito sublimes, e pateticas, ainda enunciadas no modo de dizer mais simpies, sem o emprego da Elocução tropologica e figurada. Pelo contrario outras ha que ainda cheias de ornatos não deixão de ser frias e destituidas de interesse por mais Tropos e Figuras que se lhe introduzão.—2.ª Os Tropos e Figuras devem naturalmente nascer do assumpto, porque sendo elles a linguagem da imaginação e das paixões, não podem ter belleza não sendo suggeridos por alguns destes dous principios—3.ª Quando o assumpto peça uma linguagem tropologica, ou figurada não deve nisto haver excesso; porque, alem de que a elegante simplicidade é quem da realce a toda belleza, a elocução com grande copia de ornatos gera fastio, que produzem as couzas ainda mais agradaveis repetidas em demasia—4.ª Se o Orador, não tem Natureza para uzar da linguagem tropologica ou figurada, deve abster-se della, por isso que a imaginação não é uma faculdade, que se adquire, mas um dom da Natureza; por isso o Orador deve estudar, e conhecer o seu proprio genio, seguir a natureza, aformozá-la, sem lhe fazer violencia.



CAPITULO QUADRAGESIMO QUARTO.

Da boa collocação das palavras no discurso Oratorio.

Antes de tratarmos da boa collocação das palavras no discurso, importa saber que a Elocução pode dividir-se em *ligada* ou *periodica*, e *solta*.—A 1.^a é propria dos discursos da Oratoria remontada, ou quando a materia demanda ligação de pensamentos.—A 2.^a é aquella em que dentro de pouco espaço se tratão assumptos por sua natureza diversos, não havendo por conseguinte, necessidade de uma ligação rigorosa de orações ou frases.

Importa tambem saber, que os varios aggregados de palavras de que consta a *Elocução ligada*, chamão-se *Incisos*, *Membros*, ou *Periodos*.

Inciso é um sentido fechado em uma oração de harmonia incompleta, e sem conclusão final.—*Membro* é um sentido tambem fechado em uma ou mais orações de harmonia completa, mas sem conclusão final.—*Periodo* é um sentido fechado composto de vario numero de orações com harmonia completa, e conclusão final, ou um circuito de palavras e orações que constituem um pensamento plenamente enunciado.

Para a boa collocação se requer tres cousas—1.^a *Ordem*—2.^a *Junctura*—3.^a *Numero*. A *Ordem* pode considerar-se primeiro em relação a cada uma das palavras tomadas separadamente, isto é, quando ellas se não determinão, ou modificão umas as outras; como são muitos *Sujeitos* muitos *predicados* ou muitos *accessorios* da mesma especie figurando independentemente na oração: a regra para esta collocação é que o discurso não desça. — Segundo: subordinadas entre si, para formarem um sentido, modificando-se, determinando-se ou explicando-se reciprocamente: como são: O *Agente* que dá origem á *Acção*, esta empregando-se no *Paciente*. etc. e a regra para esta collocação é que sejam collocadas na Oração, conforme as regras da Syntaxe da Lingua, quanto o permittir a harmonia da frase ou clareza, e força.

Junctura ou *Ligação* tem lugar não só nas palavras,

como nos Incisos, Membros ou Periodos. Para que a Junctura seja boa, e produza melodia, isto é, o agrado derivado de uma feliz continuação de sons, é necessario que tenha duas virtudes. — *Variedade*, e *Consonancia*, a que se oppoem — *Monotonia*, e *Dissonancia*. — A *Dissonancia* resulta 1.º dos *Cacòphatons*, e ainda mesmo de unioes de palavras, cuja primeira syllaba comece por consoante, ou sua análoga em som que seja a mesma porque começa a syllaba final da frase antecedente: Ex: [Cam Cant. 8. Est. 77.]

Em fim ao *Gama manda*, que direito. — 2.º dos *Hiatos*, isto é, concurso, de vogaes de sons muito abertos, e sonoros — 3.º da *Collisão*, ou encontro de consoantes asperas. — A' *Monotonia* resulta — 1.º dos *Eccos* ou seguimento de palavras que comecem pelas mesmas syllabas accentuadas, com que acabarão as antecedentes. — 2.º da *repetição* seguida de muitos monosyllabos; ou ainda de palavras compostas de pequeno ou grande numero de syllabas — 3.º da *continuada* serie de palavras. que terminão nos mesmos consoantes. E' de notar-se que os *Eccos* não são vicios, quando por *Onomatopeia* tem de imitar os sons naturaes.

Numero ou *Harmonia*, isto é, a união e mistura de palavras, da qual resulta uma impressão agradável ao ouvido, e que por conseguinte dispoem melhor os animos a persuasão, pedem duas cousas que são: 1.º *boa escolha de palavras*. 2.º *a sua feliz collocação na frase*. Quanto á primeira devemos advertir, que são mais agradaveis ao ouvido as palavras compostas de sons brandos e liquidos, nas quaes ha uma bem travada mistura de vogaes e consoantes; do que aquellas que constão ou de muitas consoantes asperas, ou de muitas vogaes de um accento muito aberto. Quanto a segunda convem advertir, que a boa disposição dos membros de cada periodo, consiste em estarem distribuidos de maneira, que facilitem a respiração; e acabarem em taes distancias, que tenham entre si certa proporção musical o que faz que cause harmonia ao discurso, não sendo porem as pausas dos periodos collocadas em distancias tão medidas, que mostrem affectação, reservando para a conclusão dos periodos os membros mais extensos, e as palavras mais cheias, e sonoras, tendo cuidado, que a harmonia disto resultante seja variada para não produzir um som monotono.

Os Incisos tem lugar quando o Orador houver de fallar

com acrimonia, instancia, e calor: como são quando invectivar ou declamar fortemente contra alguém; quando fizer apologias, argumentações, e refutações; esta forma de Elocução sendo proposições concentradas em poucas palavras é como pequenos punhaes, com que o Orador fêre vivamente ao seo adversario. alem de que o discurso cortado por frequentes clausulas se torna forte, e imitativo das invectivas acres e picantes.

Os *Membros* tem lugar mais proprio nas Narrações, que constando de circumstancias miudas, cada uma destas pode ser enunciada em curto espaço: Exceptuaõ-se as Narrações, que são feitas não para instruir, mas para ornar, porque a estas é mais propria a composiçao periodica.

Os *Periodos* tem particularmente lugar nos Exordios dos discursos importantes, nas Digressoes, nas Descripções, nas Amplificações, e todas as vezes que o discurso se distinar a deleitar aos ouvintes. Nos lugares porem que requerem contenção, calor, e paixao, como são as Provas logicas, as Refutações e as moções de affectos tristes, não convem a Harmonia resultante da elocução periodica.

CAPITULO QUADRAGESIMO QUINTO.

Do Estilo Oratorio.

Estilo é a forma geral da Elocução, que predomina em toda uma obra, ou parte della, e que resulta de certa especie de pensamentos, escolha e collocação de palavras, conveniente a materia, de que se trata.

O *Estilo* pode ser considerado relativamente á *Quantidade*, ou á *Qualidade*, isto é ao maior ou menor numero de palavras, com que se enunciaõ os pensamentos; ou a natureza e disposiçao das mesmas na oraçao.

Considerado a respeito da *Quantidade* divide-se em *Attico*, *Aziatico*, e *Rodio*, a que alguns ajuntao o *Laconico*. A respeito da *Qualidade* divide-se em *Ténue* ou *Subtil*, *Robusto* ou *Sublime*, *Mediocre* ou *Temperado*.—O *Estilo Attico* é aquelle que guarda uma justa proporçao entre as palavras e pensamentos, de maneira que nada falte ou sobeje;

composto de pensamentos finos e delicados, frase limada, e polida, sem ornatos improprios. —O *Aziatico* é verbozo, empolado, e não excedendo muito os limites de huma justa proporção entre as ideas, e as palavras. —O *Rodio* é copioso mas não superfluo e redundante, como o *Aziatico*; forte e nervoso, sem com tudo ser tão cerrado e conciso como o *Attico*. —O *Laconico* é um Estilo curto, escuro e enigmatico. De tudo isto se segue que dos Estilos o melhor é o *Attico*, depois deste o *Rodio*, sendo o *Laconico* e o *Aziatico* extremos do *Attico*, aquelle por falta, este por excesso.

No *Estilo Tenue* ou *Subtil* as ideias são enunciadadas com vocabulos proprios, claros, e significativos, sem Ornatos pelo menos os exquisitos; este Estilo é o proprio do *Exordio*, e da *Confirmação*. —O *Robusto* ou *Sublime* serve-se de toda a sorte de palavras, e expressões valentes, e animadas, e proprias a dar força, e grandeza aos pensamentos; nelle entrão as Amplificações, os Tropos mais atrevidos, como as *Hyperboles*, e as mais energicas, como as *Exclamações*, *Apostrophes*, *Prosopopeias*, em uma palavra, tudo quanto se pode pôr em acção para despertar o pathetico: este Estilo é o proprio da *Peroração*.

O *Estilo Mediocre* ou *Temperado*, differença-se dos dous antecedentes pela abundancia de *Metaphoras*, e outros Tropos e Figuras, que dão graça ao discurso, pela amenidade das *Digressões*, e pela Harmonia resultante da boa Collocação das palavras, pelo formoso das *Sentenças*, e outros Ornatos, que causão deleite; este Estilo é o proprio das *Narrações*. Deve-se notar que, sem embargo de serem estas as especies de Estilo que devem caracterisar cada huma das quatro partes, de hum discurso Oratorio regular, contudo é fora de duvida que huma só especie de Estilo deve predominar na totalidade de qualquer composiçao litteraria, Estilo que deve todavia diversificar conforme a natureza geral do Assumpto, que nella se tratar.

CAPITULO QUADRAGESIMO SEXTO.

REGRAS PARA USO DO ESTILO,
REGRA PRIMEIRA.

Meditar pelo tempo necessario o assumpto afim de se

obter delle ideias claras, representando-o depois á imaginação para que a façamos bem interessada nelle, com isto acudirão naturalmente as expressões convenientes,, sem que seja necessario hir busca-las com trabalho.

REGRA SEGUNDA.

Exercitar-se na applicação das regras sobre o Estilo, por meio de hum frequente exercicio de compor, começando a escrever lentamente, e com grande cuidado, na certeza de que a facilidade e promptidão são fructos de huma longa pratica, e quem composer com pressa, e negligencia, adquirirá hum Estilo máo, e vicioso que não será facil desaprender. Com tudo na composição os pensamentos devem correr a toda redea, sem nos importarmos com as palavras, afim de que se não esfrie a imaginação, corrigindo-se depois a expressão.

REGRA TERCEIRA.

Familiarisar-se com o Estilo dos melhores authores, e para isto se conseguir nada ha tão util, como traduzir as melhores passagens dos authores da nossa Lingua em vocabulos da mesma Lingua, que nos sejam familiares: isto se faz decorando se huma passagem de algum author escolhido, e escrevendo-a depois com outro frascado melhor, que for possível, fazendo depois disto comparação do nosso Estilo com o do author; assim aprenderemos a corrigir nossos proprios defeitos.

REGRA QUARTA.

Convem que nos abstenhamos da servil imitação de qualquer author, imitação sempre damnosa, porque prende o genio e dá ao Estilo certo ar de contrangimento. Alem de que esses atavios emprestados, tarde ou cedo farão ver nossa pobresa, e quem não tiver firmeza para seguir os impulsos do proprio genio nunca chegará nem a fallar nem a escrever bem.

REGRA QUINTA.

Trabalhar-mos constantemente em accommodarmos o Estilo, tanto ao assumpto, como a capacidade dos ouvintes convem pois formar primeiro ideias claras do fim, a que no dirigimos e depois concordar nosso modo de dizer tanto com elle, como com as circunstancias do assumpto, e das pessoas a quem é dirigido o nosso discurso.

REGRA SEXTA.

A Attenção que dermos ao Estilo, não deve distrahir-nos da que é divida aos pensamentos, tendo sempre em vista a maxima de Quintiliano: *nas palavras deve haver escolha, nos pensamentos porem discolo.*

CAPITULO QUADRAGESIMO SEPTIMO.

Do Decoro Oratorio.

Decoro em Eloquencia, é a exacta e conformidade da expressão em geral com os pensamentos e de ambas estas cousas com as pessoas, com a materia, e circumstancias de tempo e logar.

O Orador conseguirá a conformidade da expressão com os pensamentos por meio de uma Elocução accommodada aos mesmos, observando as regras espalhadas neste Compendio, principalmente as que dizem respeito ao Estilo.

As pessoas a quem elle deve attender, para guardar-lhes o devido Decoro são: o Orador, os ouvintes, e as pessoas sobre que versa o discurso. As regras que a este respeito, assim como acerca do logar e tempo, são:—1.ª O Orador não deve em regra occupar-se com o louvor das suas proprias virtudes, ou talentos: e quando isto faça na necessidade de justificar-se, deverá fazer recahir o odioso sobre as pessoas que lhe obrigarão á tocar neste delicado ponto.—2.ª Deve tambem fugir de mostrar, no seo modo de falar, um tom de autoridade decisivo, o que inculca presumpção, e superioridade, com tudo um tom semelhante algumas vezes merece desculpa na idade proecta, no merecimento reconhecido, e na autoridade do Orador, sendo temperado com prudente modificação.—3.ª Evictar em todo caso gestos descompostos, desenvoltos, uma voz descompassada na declamação, esta deve ser forte, mas doce, variada porem igual, imperiosa e ao mesmo tempo modesta.—4.ª Consiste a observancia do Decoro, relativamente aos ouvintes, em não se apresentar o Orador a falar em publico sem grande preparação, e estudo do assumpto, muito principalmente quando o auditorio for composto de pessoas, que por sua educação civil, e litteraria mereção circunspeção, e respeito. Os melhoes Oraçoes da

antiguidade, Demóstheneſ e Cicero, compunhão com summo trabalho. aquelle quando rompia o silencio, tolhia-se lhe a voz, mudava de cor, respeitandoo numeroso concurso, que vinha escuta-lo; Cicero testifica de si que tremia todo ao olhar para o auditorio, juiz severo de seu merecimento. —5.^o Quando tiver de falar a favor de alguma pessoa, ou contra, deve o discurso respirar sentimentos de humanidade, de doçura, moderação, e benevolencia, não sendo todavia reprehensíveis os sentimentos contrarios, quando as circunstancias o pedirem. —6.^o Pelo que respeita ã natureza do assumpto, as circunstancias do lugar, e tempo, convem 1.^o que o Orador escolha os pensamentos, e o estilo que lhes forem mais accommodados, por quanto devem ser diversos para o assumpto serio, ou jovial, nobre ou trivial. 2.^o Que use de gesticulações, e voz correspondente ao discurso que recitar, que são diversos para occasião de luto, ou calamidade, e de praser, e de alegria, diversos tambem em lugar publico, e respeitavel, e em outros de inferior graduação: outras regras subministrarão ao Orador, a rasão a purada, e educação.

CAPITULO QUADRAGESIMO OITAVO.

*Regras particulares dos tres generos de Eloquencia:
Assembléas populares, —do Foro, —e Pulpito.*

§ 1.^o

Eloquencia das Assembléas Populares.

REGRA PRIMEIRA.

A primeira regra que se offerece a dar relativamente ã Eloquentia das Assembléas populares é que o Orador trabalhe por fazer-se senhor do assumpto, e adquirir conhecimentos que com elle podem ter conexão, munindo-se de provas proprias a produzirem a convicção: esta preparação deve versar principalmente sobre todo o assumpto, e não sobre particularidades, frases, palavras, ornatos, que se offerecerão depois espontaneamente em tempo ao Orador, que não deve occupar-se de taes cousas senão como objectos de

um estudo secundario, contentando-se com breves notas nas quaes se contenhão ordenadamente os pontos, e pensamentos principaes sobre que se propoe insistir.

REGRA SEGUNDA.

Persuadir a si mesmo do que intenta a persuadir aos outros.

REGRA TERCEIRA.

Usar de um methodo claro, e conviniente ao assumpto, dispondo previamente em ordem os seus pensamentos, e classificando os com clareza, a fim de que seus ouvintes percebam claramente a marcha do discurso, e a força das suas provas.

REGRA QUARTA.

Tem lugar neste genero de Eloquencia o calor do discurso, a vehemencia, e o fogo das ideas, e dos sentimentos, e todos os arrosos da alma fortemente commovida, inspirados pelo bem publico, com as restricções seguintes: 1.^a que o calor manifestado nas expressões, deve ser sempre proporcionado ao assumpto, e as circumstancias. 2.^a que nunca deve fingir-se uma commoção, que se não sente; 3.^a ainda que o assumpto auctorisae a vehemencia, esta não deve chegar a excesso. 4.^a o Orador no fogo de sua declamação não deve esquecer-se das attentões que lhe impõe a decencia em geral e mais que tudo as que deve a seus ouvintes.

REGRA QUINTA.

Quanto a pronunciação ou declamação deve esta ser firme, e valente, mais sem arrogancia e presumpção. O Orador que falla frouxamente, e com excitação dá a entender que desconfia da sua opinião.

REGRA SEXTA.

Seo estilo deve ser livre, e facil, forte, e descriptivo antes do que muito desenvolvido.

§ 2.º

ELOQUENCIA DO FORO.

Regra Primeira.

A Eloquencia que convem ao Foro deve ser tranquilla,

o moderada, pura e correcta, não sobre-carregando-a inutilmente de termos technicos de jurisprudencia e de pratica, sem contudo evitar aquelles, que o assumpto exigir.

Regra Segunda.

O caracter de uma boa Oração forense consiste: 1.º no modo de propor a questão, na arte de mostrar intelligivelmente o objecto da discussão, o que nelle se concede, ou se nega, e o ponto preciso, em que as Partes discordão, isto é, o Estado do discurso. 2.º Na ordem e arranjo de todas as suas partes, tendo o Orador um particular cuidado no estudo previo do plano, e arranjo que em taes questões deve seguir.

Regra Terceira.

A Narração dos factos na Eloquencia do Foro deve ser tão concisa, como pode permittir a natureza do assumpto.

Regra Quarta.

As provas Logicas devem ali serem apresentadas com grande desenvolvimento; porque certos pontos de Direito precisão ser tratados com extensão, assim de poderem ser melhor comprehendidos; e na refutação das provas de seo adversario deve haver todo o cuidado em não desfigural-as, ou apresental-as debaixo de um ponto de vista que não seja verdadeiro.

Regra Quinta.

Tem lugar no Foro, observadas as regras do Decoro, os ditos agudos ou chistes que podem até produzir bom effeito, em uma replica animada que tenda a redicularizar os ditos da parte contraria.

Regra Sexta.

O Advogado deve pleitear sempre com certo grão de calor, porque os clientes naturalmente sentem-se pouco inclinados a confiar seos negocios a um homem, que por elles toma pouco interesse, e para manter a dignidade de character que é propria de sua profissão, não deve nunca prostituir sua sensibilidade a todas as causas. Cumpre por tanto que não preste o seo ministerio a causa odiosa, ou manifestamente injusta, e quando defender alguma duvidosa deve sustental-a com as provas as mais plausiveis; reservando o tom de zelo, e indignação para aquelles logares em que apparecer injustiça, ou iniquidade palpavel.

ELOQUENCIA DO PULPITO.

Priméira Regra.

O fim da pregação é sem duvida o persuadir aos homens, que sejam melhores; e por isso todo o sermão deve ser um discurso persuasivo. Portanto todas as instruções do pregador se devem encaminhar á pratica, elle não sóbe ao pulpito para tratar de questões metafisicas, ou de cousas novas, mas sim para dar ideas mais claras das verdades da Religião, faser que seja odiado o crime, e amada a virtude per meio de persuasivas expressoes.

Segunda Regra.

Ao Orador cumpre ser homem virtuoso: não basta por tanto que tenha uma crença especulativa, mas que falle com plena convicção do que diz, e exprima seos proprios sentimentos: a falta disto nao pode ser substituida pelos recursos da arte.

Terceira Regra.

Os Caracteres da Eloquencia do pulpito sao gravidade, e calor; gravidade em rasão da natureza seria dos assumptos do pulpito; calor por causa da sua importancia. Da reunião destes dous nasce um terceiro caracter—a unção—isto é, um modo de dizer tocante, cheio de interesse e que procede de um coração profundamente penetrado das verdades que annuncia, e do desejo d'as imprimir nos dos seos ouvintes.

Quarta Regra.

O Orador deve escolher os assumptos os mais uteis, e os mais apropriados as circumstancias de seos ouvintes, e aquellas instruções que forem mais interessantes as pessoas, aquem são dirigidas, encaminhando o mais possivel o discurso directamente a seos ouvintes, nunca perdendo de vista a differença das idades, caracteres, e estados.

Quinta Regra.

Todo o Sermão deve ter unidade, isto é, um ponto principal, a que se refira todo o discurso, um só objecto que em todo elle predomine. Esta unidade porem não exclue as divisões, on partes distinctas, accessorias, e subordinadas, com tanto que estejao todas unidas e ligadas.



Sexta Regra.

O Estilo da Eloquencia do pulpito deve constar da mais perfeita claresa; por isso em taes discursos deve reinar muito a simplicidade, evitarem se as palavras desusadas, pomposas, ou que cheirem á empoladas, as inteiramente poeticas, ou filosoficas; deve tambem ser vivo e animado; admite, quando a occasião o pede, as semilhanças, Metaphoras, as Apostrofes, Prosopopeias e Exclamações, e Figuras ainda as mais apaixonadas.

Septima Regra.

A Linguagem da Sagrada Escriptura convenientemente empregada é um dos grandes ornatos da Eloquencia do Pulpito, quer seja citando passagens em prova do que se diz, quer fazendo dellas allusões a certas passagens, e expressões notaveis da mesma Escriptura, quando forem trazidas a proposito.

Oitava Regra.

No Sermão nunca deve apparecer cousa que se assemelhe a subtilezas, trocadilhos de palavras, expressões alambicadas, defeitos incompativeis com a dignidade do Pulpito.

CPPITULO QUADRAGESIMO NONO.

Meios para fazer progressos em Eloquevcia.

O Primeiro.

É o caracter e merecimento pessoas do Orador, isto é, o Orador deve ser homem virtuoso; as virtudes communicão peso a tudo quanto uma tal pessoa diz e lhe acrescentãe uma verdadeira belleza.

O Segundo.

É a instrucção sufficiente; assim todo o homem que se proposer a advogar no foro deve adquirir um profundo conhecimento da jurisprudencia tanto natural, como positiva, e beber na fonte das sciencias, e da experiencia todas as luzes que podem servir a sua profissão. O que aspirar a Eloquencia do Pulpito deve fazer um estudo apurado da Theologia Theorica, e Practica, a Historia Ecclesiastica, a Escriptura Sagrada, os SS. PP., a Ethica filosofica. etc. Aquelle a que pretender occupar um lugar distincto nas assembleas poplares deliberativas deve estudar com esmero todos os assumptos, conhecer as formalidades dellas, e dar auenção séria a

tudo quanto possa offerecer-se a deliberação; alem disto con-
vem tambem a cada um dos oradores dos tres generos o estu-
do de todos os ramos das bellas letras, da Poesia, que ser-
virá para formoseer o seo estilo, e subministrar lhe vivas ima-
gens, e agradaveis allusoes, e ultimamente o estudo da his-
toria, que é de frequentissimo uso em toda a Oratoria.

O Terceiro.

Para chegar a ser advogado, Pregador, ou Orador cele-
bre, é necessario contrahir o habito da applicação, e do tra-
balho assiduo, e não passageiro ou de alguns annos de ligei-
ra, e mal attenta preparação.

O Quarto.

Uma das cousas que favorece muito os progressos da
Eloquencia, é o estudo dos grandes modelos. Não ha genio
por mais original que seja que não possa aproveitar-se do
estudo dos bons modelos, estes exemplares servem para nos
indicar novas maneiras de dizer, amplificar, e apurar as nos-
sas, animar os pensamentos, e sobretudo despertar a nossa
emulação.

O Quinto.

E' de impériora necessidade para a perfeição da Eloquen-
cia, o frequente exercicio de compor e fallar conforme as re-
gras, e em publico. O Orador pois deve ainda nas menores
composições, em uma carta particular, na mesma conversa-
ção observar as regras do bom gosto, fugindo com tudo nes-
tes ultimos casos do estilo trabalhado, e artificioso, que
mostra affectação, vicio peor do que a negligencia extrema.



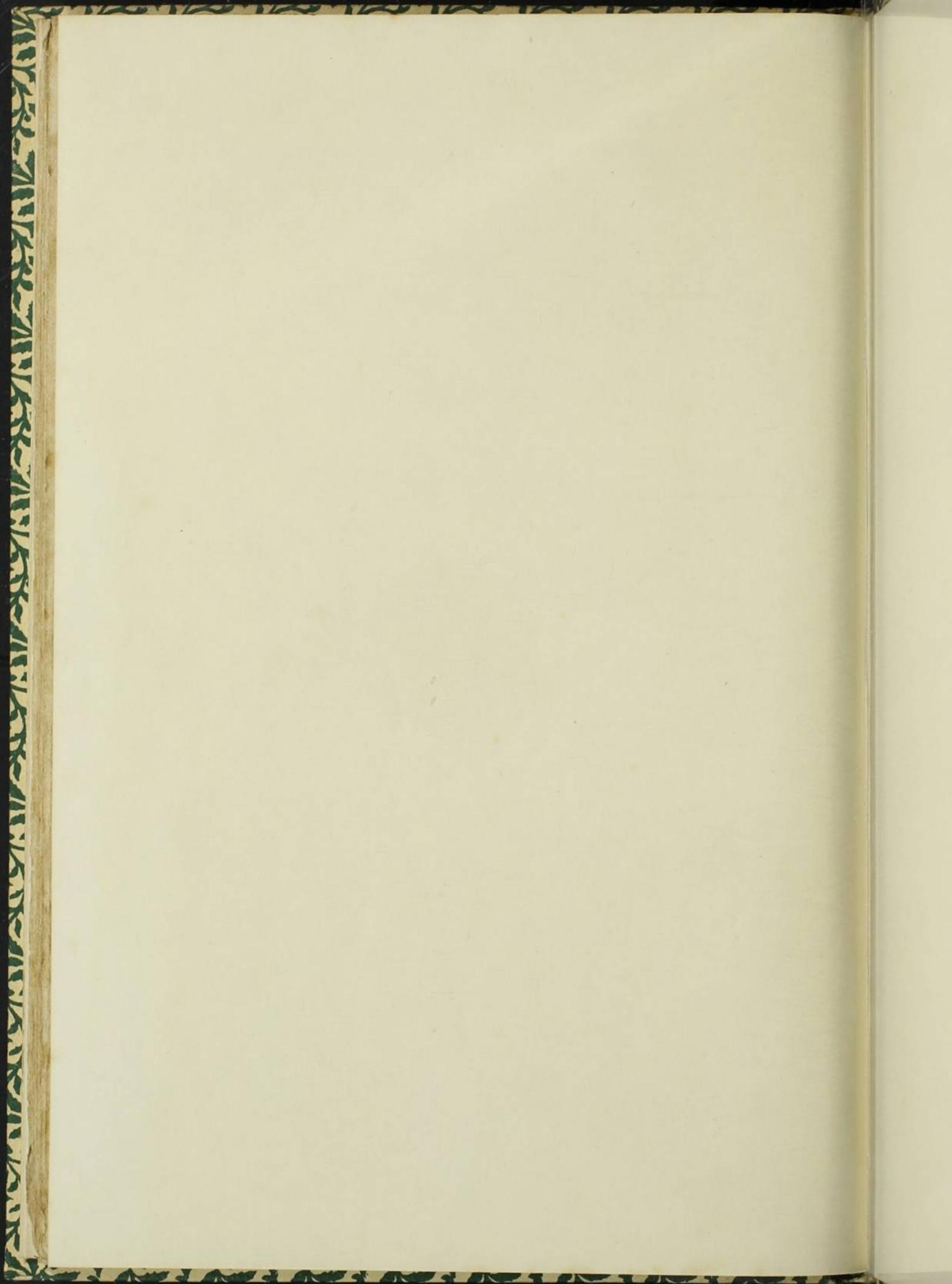
*Pará—Typ. da —Voz Paraense—de Baena & Ir-
mão, Travessa da Misericordia Caza N. An-
no de 1851.*

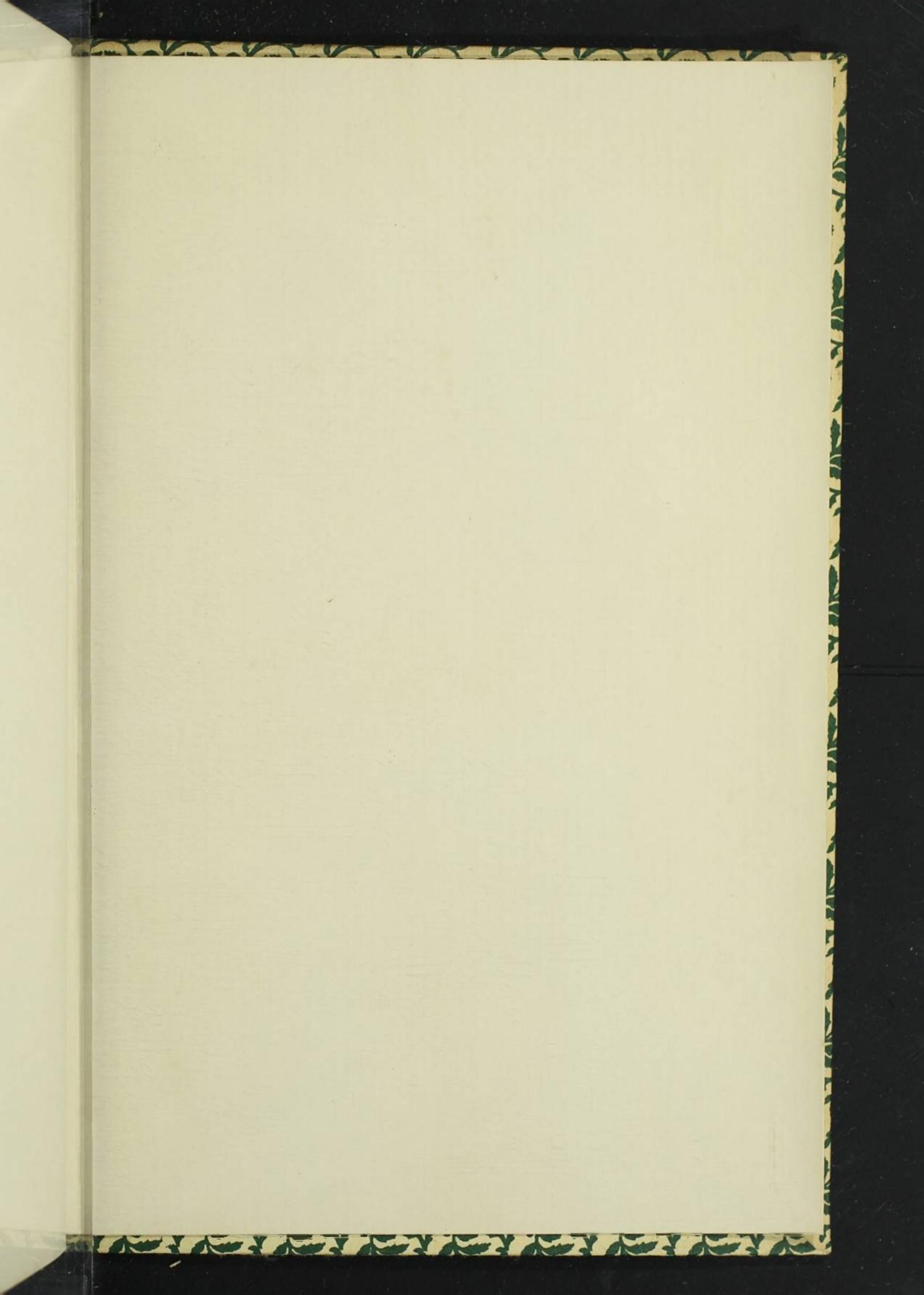
INDICE DAS MATERIAS.

Capitulos.	Paginas.
Cap. 1. Da definição da Eloquencia, Rhetorica suas partes, e assumptos	3
Cap. 2. Dos meios que pode o Orador geralmente empregar para chegar aos fins a que se propoe	4
Cap. 3. Das questões, e estados	4
Cap. 4. Das partes do discurso oratorio regular	5
Cap. 5. Do Exordio	6
Cap. 6. Da Narração	9
Cap. 7. Da Confirmação, e provas	11
Cap. 8. Da Peroração	16
Cap. 9. Da Disposição oratoria	19
Cap. 10. Da Elocução oratoria	20
Cap. 11. Das virtudes, e vicios da Elocução	21
Cap. 12. Do ornato oratorio	23
Cap. 13. Dos graos do ornato	24
Cap. 14. Das Enargueias	24
Cap. 15. Das Similhanças	25
Cap. 16. Das Parabelas	26
Cap. 17. Das Imagens	27
Cap. 18. Dos Bosquejos	28
Cap. 19. Das Emphases	28
Cap. 20. Dos Conceitos oratorios	29
Cap. 21. Dos Conceitos fortes	30
Cap. 22. Dos Conceitos agudos	33
Cap. 23. Do Adorno oratorio	34
Cap. 24. Da Metaphora	35
Cap. 25. Da Allegoria	36
Cap. 26. Da Ironia	37
Cap. 27. Da Metonymia	38
Cap. 28. Da Matalepsy	39
Cap. 29. Da Antonomasia	39
Cap. 30. Da Onomatopoea	40
Cap. 31. Da Hiperbole	40
Cap. 32. Da Sinedoche	41
Cap. 33. Do Epitheto	42
Cap. 34. Da Periphraise	43
Cap. 35. Da Hiperbaton	44
Cap. 36. Das Figuras oratorias	44









17611

